



PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM CALAMIDADES: SENTIMENTOS E ATUAÇÃO



**PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM
CALAMIDADES: SENTIMENTOS E
ATUAÇÃO**

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - Ufopa (Editor-Chefe)
Prof^a. Dr^a. Danjone Regina Meira - USP
Prof^a. Ms. Roberta Seixas - Unesp
Prof. Ms. Gleydson da Paixão Tavares - UESC
Prof^a. Dr^a. Monica Aparecida Bortolotti - Unicentro
Prof^a. Dr^a. Isabele Barbieri dos Santos - FIOCRUZ
Prof^a. Dr^a. Luciana Reusing - IFPR
Prof^a. Ms. Laize Almeida de Oliveira - UNIFESSPA
Prof. Ms. John Weyne Maia Vasconcelos - UFC
Prof^a. Dr^a. Fernanda Pinto de Aragão Quintino - SEDUC-AM
Prof^a. Dr^a. Leticia Nardoni Marteli - IFRN
Prof. Ms. Flávio Roberto Chaddad - SEESP
Prof. Ms. Fábio Nascimento da Silva - SEE/AC
Prof^a. Ms. Sandolene do Socorro Ramos Pinto - UFPA
Prof^a. Dr^a. Klenicy Kazumy de Lima Yamaguchi - UFAM
Prof. Dr. Jose Carlos Guimaraes Junior - Governo do Distrito Federal
Prof. Ms. Marcio Silveira Nascimento - UFRR
Prof. Ms. João Filipe Simão Kembo - Escola Superior Pedagógica do Bengo - Angola
Prof. Ms. Divo Augusto Pereira Alexandre Cavadas - FADISP
Prof^a. Ms. Roberta de Souza Gomes - NESPEFE - UFRJ
Prof. Ms. Valdimiro da Rocha Neto - UNIFESSPA
Prof. Dr. Jeferson Stiver Oliveira de Castro - IFPA
Prof. Ms. Artur Pires de Camargos Júnior - UNIVÁS
Prof. Ms. Edson Vieira da Silva de Camargos - Universidad de la Empresa (UDE) - Uruguai
Prof. Ms. Jacson Baldoino Silva - UEFS
Prof. Ms. Paulo Osni Silvério - UFSCar
Prof^a. Ms. Cecília Souza de Jesus - Instituto Federal de São Paulo

“Acreditamos que um mundo melhor se faz com a difusão do conhecimento científico”.

Equipe Home Editora

Andreia Bracellos Teixeira Macedo
Mônica da Silva Santos
(Orgs.)

PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM CALAMIDADES: SENTIMENTOS E ATUAÇÃO

1ª Edição

Belém-PA
Home Editora
2024

© 2024 Edição brasileira
by Home Editora

© 2024 Texto
by Autor

Todos os direitos reservados

Home Editora

CNPJ: 39.242.488/0002-80

www.homeeditora.com

contato@homeeditora.com

91988165332

Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Batista Campos, Belém - PA, 66045-315

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Projeto gráfico

homeeditora.com

Revisão, diagramação e capa

Organizadoras

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

CRB-8/009166

Produtor editorial

Laiane Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A532

Profissionais da saúde em calamidades: sentimentos e atuação / Andreia Bracellos Teixeira Macedo (Org.), Mônica da Silva Santos (Org.). – Belém: Home, 2024.

Livro digital
84p.

ISBN 978-65-6089-136-4

DOI 10.46898/home.2d30f02c-6ce4-441f-a84e-8103e045c661

1. Saúde. I. Macedo, Andreia Bracellos Teixeira (Org.). II. Santos, Mônica da Silva (Org.). III. Título.

CDD 613

CDU 614

Índice para catálogo sistemático

I. Saúde.



SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
PREFÁCIO	9
1.O CUIDADO MESMO NA DOR.....	10
Andreia Scherer	10
2.ENQUANTO UMA VIDA CRESCE.....	12
Elisangela Souza	12
3.FORÇA TAREFA EM TEMPOS DIFÍCEIS: TRABALHO DE ENFERMEIRAS DURANTE A PANDEMIA E ENCHENTES NO SUL DO PAÍS	14
Carina Cadorin	14
Mariane Dresch.....	14
4.VIVÊNCIAS DE PACIENTES QUE NECESSITAM FAZER HEMODIÁLISE PARA SOBREVIVER EM MEIO A TANTA DIFICULDADE DEVIDO A CATÁSTROFE	17
Daiana Brasil Flores.....	17
5.ATUAÇÃO DE UMA ENFERMEIRA ROTINEIRA.....	19
Viviane Boneli	19
6. RIO GRANDE DO SUL: SOBREVIVENDO ÀS ENCHENTES: UM RELATO DE RESILIÊNCIA E SOLIDARIEDADE	21
Cristiane Lima Abrahão.....	21
7.A FORÇA DA ENFERMAGEM À FRENTE DAS ADVERSIDADES.....	24
Elisandra Leites Pinheiro.....	24
Sidiclei Machado Carvalho	24
Isabella dos Santos Coppola.....	24
8.ATENDIMENTO DE ENFERMAGEM NA LINHA DE FRENTE: DA REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO À VIDA PESSOAL	28
Cibele Duarte Parulla	28
Alexandra Nogueira Mello Lopes	28
9.ENFERMAGEM ONCOLÓGICA	30
Tiago Rafael da Silveira Meller	30
10.NOVAMENTE NO DIA ZERO.....	32
Melina Maria Trojahn.....	32
11.PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DURANTE O ATENDIMENTO AMBULATORIAL ÀS PESSOAS COM ESTOMIA DE ELIMINAÇÃO NA ENCHENTE DE MAIO DE 2024	34



Márcia Elaine Costa do Nascimento.....	34
12.PERCEPÇÃO DE ENFERMEIRAS ASSISTENCIAIS FRENTE A PANDEMIA E CATÁSTROFE CLIMÁTICA	36
Aline Maria de Mello.....	36
Mari Ângela Victoria Lourenci Alves.....	36
13.MANTENDO O ATENDIMENTO A PESSOAS COM ESTOMIAS NUM PERÍODO DE CALAMIDADE PÚBLICA	38
Rosaura Soares Paczek	38
14.EXPERIÊNCIAS DE ENFERMAGEM DURANTE O ATENDIMENTO DOMICILIAR	40
Claudir Lopes da Silva	40
15.RESILIÊNCIA	42
Déborah Bulegon Mello	42
16.PEQUENOS GESTOS PODEM FAZER GRANDE DIFERENÇA.....	44
Carolina Lopes Severo Cortelini.....	44
17.INCERTEZAS NO ATENDIMENTO AOS PACIENTES CRÍTICOS EM HOSPITAIS PÚBLICOS DO DISTRITO FEDERAL	46
Ana Claudia Rodrigues da Silva.....	46
18.SAÚDE MENTAL E ENCHENTE.....	48
Sonia Walkiria dos Santos Miralha.....	48
19.O PAPEL DO ENFERMEIRO, NA CONSULTA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM DOENÇA CRÔNICA	50
Andréia Tanara de Carvalho	50
20.TELEATENDIMENTO NO PERÍODO DE CONTINGÊNCIA CLIMÁTICA ...	52
Luciana Ramos Corrêa Pinto	52
21.ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO COMO VOLUNTÁRIO EM SITUAÇÃO DE CATÁSTROFE AMBIENTAL	54
Mitieli Vizcaychipi Disconzi	54
22.RESILIÊNCIA EM MOMENTOS CRÍTICOS	56
Thais Reis de Lima.....	56
23.CENÁRIOS DE UMA PANDEMIA: VIVÊNCIAS DE UM ENFERMEIRO DA SAMU	58
Heron Mousquer	58
24.A ENFERMAGEM PROTAGONISTA NO COMBATE AO CORONAVÍRUS .	59
Luis Alexandre Herter	59
25.PERCEPÇÕES DE UMA ACADEMICA DE ENFERMAGEM NA PANDEMIA	



Mônica da Silva Santos	61
26.VIVÊNCIA DO ENFERMEIRO NO TRATAMENTO DE LESÕES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E NO AMBIENTE HOSPITALAR FRENTE A CRISE CLIMÁTICA DE MAIO/2024	63
Raquel Yurika Tanaka.....	63
Aline Nunes Haar	63
27.O MEDO E O RENASCER DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA	66
Fernanda Lourega Chieza	66
28.CONSULTÓRIO DE ENFERMAGEM: EMPREENDEDORISMO NA PRÁTICA	68
Grasiele Costa Rodrigues	68
Lucio Rodrigo Lucca de Camargo.....	68
Priscila Gil Vargas.....	68
29.DESAFIOS NO CUIDADO DE PACIENTES ESTOMIZADOS DURANTE AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL.....	71
Ana Lúcia Lima Rieth.....	71
Rosaura Soares Paczek	71
30.MINHA CASA INTERNA	73
Elisabete Bauer Schumann.....	73
Talita Auler	73
Fernanda Weber.....	73
31.ADVERSIDADES DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENCHENTES.....	76
Maristela Cassia de Oliveira Peixoto	76
32.RESIDENTES ATUANDO NA ASSISTÊNCIA A DESABRIGADOS EM PORTO ALEGRE	78
Ana Lúcia Lima Rieth.....	78
Eduarda Jardim dos Santos.....	78
Cíntia Menezes Guimarães	78
33.ÓTICA DE UM ENFERMEIRO NO APH PÓS PANDEMIA.....	81
William Lumertz Belles.....	81



PREFÁCIO

Nos últimos anos os profissionais da saúde têm enfrentado uma série de situações catastróficas, impulsionando a necessidade de reinventar o trabalho e a vida. São situações marcantes que ficarão na memória para sempre.

Neste material trazemos um pouco da experiência dos profissionais no período pandêmico e sua atuação na catástrofe climática. São relatos recheados de competência, iniciativa, humanização, empatia, entrega ao outro, e antes de mais nada, de sentimentos.

Afinal, somos gente cuidando de gente.

Este ebook poderá servir para troca de experiência entre profissionais da saúde pois mostra como se adaptaram durante as catástrofes. Mas também tem o propósito de auxiliar as vítimas gaúchas da catástrofe climática, com a doação de todo o valor arrecadado. Trata-se de um ebook solidário construído a várias mãos.

Muito obrigada aos colegas que se dispuseram a colaborar com essa obra. Todos foram atingidos, direta ou indiretamente. Um agradecimento muito especial à Home Editora, que apoiou este projeto fornecendo publicação sem custos.

Material organizado pelo Grupo de Estudos para Profissionais da
Saúde – GEPS

Dr^a Andréia Barcellos Teixeira Macedo

@pesquisahealt





1. O CUIDADO MESMO NA DOR

Andreia Scherer¹

Andreia Scherer é enfermeira há 24 anos.

Sempre achei que precisava fazer algo a mais do que cuidar do doente e sua doença. Há 6 anos descobri a ozonioterapia e o tratamento holístico ao paciente. O olhar e o cuidar na sua totalidade.

Ajudar o paciente a recuperar sua saúde física, mental, emocional e espiritual. Eu sou especialista em feridas e cuidado do indivíduo como um todo. Na pandemia vi o quanto ficamos vulneráveis enquanto profissionais e enquanto pacientes. Precisamos estar firmados na fé e fortes espiritualmente para superar as doenças. Muitas vezes precisamos acreditar que, mesmo tendo apenas 1% de vida, devemos transformar os 99% em fé, esperança e vontade de viver. Por isso a saúde espiritual anda lado a lado com a física.

Sobre as calamidades

Quando veio a pandemia eu já atuava como enfermeira em *home care*. No início tive medo, receio e confesso pensei em ficar em casa, mas o amor pelo cuidar falou mais alto. Atendi muitos indivíduos debilitados e com COVID. Como eu atendia com ozonioterapia ajudei muitos pacientes na recuperação pós-COVID.

O medo de contaminação das famílias e dos pacientes, o temor do desconhecido e o isolamento eram cada vez mais presentes na vida de cada um. Uma palavra e o cuidado diferenciado nas residências fez muita diferença. Acredito que nessas horas de vulnerabilidade é que fizemos toda diferença. A enfermagem com amor é o que me move e é o que acredito.

A fé + ação. Com Deus sempre!

¹ Especialista em feridas, ozonioterapeuta e laserterapeuta.
Email: Ommaespacoterapeutico@gmail.com



Em relação à enchente, o que aconteceu aqui no nosso estado mexeu com todo o Brasil. Foi algo inexplicável. A sensação de impotência, mesmo ajudando, parecia que precisávamos fazer mais. A minha cidade não foi atingida diretamente então mobilizei farmácias para arrecadação de materiais de curativos e medicações para doação.

Voltar ao “normal” e ao trabalho parecia “anormal”, não tínhamos forças e vontade, parecia que estávamos fazendo algo errado. Precisei trabalhar muito meu emocional. Formou-se uma rede de apoio entre muitas pessoas, entre as que foram afetadas diretamente e as indiretamente. Sabemos que todos precisam continuar pois a economia precisa girar e o recomeço pra essas pessoas vai acontecer. Mais uma vez com muita fé em Deus. Dias melhores virão.

Aos colegas

Nada nesse mundo cai sem a permissão de Deus, tudo vem por um motivo. Mas o que não podemos esquecer é que mesmo tendo 1% de chance, podemos transformar os 99% em fé, esperança e vontade de viver.

A fé + ação move montanhas!



2. ENQUANTO UMA VIDA CRESCE

Elisangela Souza²

Elisangela Souza é enfermeira assistencial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS, no Serviço de Enfermagem Clínica. Professora da RC Enfermagem Educação.

Sobre as calamidades

Durante a pandemia estive na linha de frente como enfermeira de uma unidade de internação para isolamento de pacientes acometidos com coronavírus. Inicialmente, havia medo e a incerteza pairava sobre todo o contexto assistencial e de vida, o qual todos passávamos. Na família apreensão e no trabalho tensão.

Tanto minha segurança pessoal estava em perigo quanto a de tantos pacientes graves que dependiam dos meus cuidados. Muitos foram os plantões com intercorrências, mortes e medo. Mas também, muitas foram as histórias as quais pude abrandar com um tom de voz, um sorriso, uma brincadeira e uns minutos de conversa e interação com aqueles que ali, fechados e sozinhos, buscavam restabelecer sua saúde. Hoje, olhando para trás, sinto uma sensação de dever cumprido e de ter tido força e coragem para enfrentar um inimigo perigoso e desconhecido.

O período das enchentes também foi bem diferente para mim. Já afastada das atividades assistenciais devido a uma gestação, via inicialmente as chuvas torrenciais caindo durante as madrugadas de trabalho administrativo, sozinha em uma sala praticamente isolada dentro do hospital. Eu não estava mais na frente. Dias passaram e já não conseguia chegar ou sair do hospital devido a alagamentos em vários pontos do meu trajeto.

² Mestre em Enfermagem. Especialista em Saúde Pública, Saúde Mental e Administração dos Serviços de Enfermagem. Email: elisouza@hcpa.edu.br



Passei então a realizar trabalho remoto. Afastada de atividades insalubres impostas pela assistência, e tendo recém-saído de uma infecção pelo vírus da influenza A, eu não podia ficar apenas olhando aos noticiários. Parti em auxílio carregando doações de carro, destinando aos que necessitavam, fazendo doações por recursos próprios, estando em oração e atuando como equipe de cozinha nos jantares de um dos abrigos preparados às pressas para os desabrigados das enchentes. Orientando a distribuição e organização das medicações deste local e pedindo doações. Por um lado, a gestação como uma dádiva, me propiciou estar longe do trânsito e do caos em meio a esses longos dias e semanas, por outro, me deixou um tanto afastada do que realmente eu sei fazer bem, a assistência em saúde. Enfim, ENQUANTO UMA VIDA CRESCE muitas outras podem ser ajudadas, não importa como!



3. FORÇA TAREFA EM TEMPOS DIFÍCEIS: TRABALHO DE ENFERMEIRAS DURANTE A PANDEMIA E ENCHENTES NO SUL DO PAÍS

*Carina Cadorin*³
*Mariane Dresch*⁴

Carina Cadorin e Mariane Dresch são enfermeiras da internação clínica e geriátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, RS.

Nosso trabalho tem uma ampla abrangência e somos responsáveis por várias demandas dentro da assistência. Somos parte ativa dentro da equipe multidisciplinar, desempenhando nosso papel por meio do Processo de Enfermagem.

Além de procedimentos, realizamos capacitação e educação contínuas, atuamos no gerenciamento de conflitos e fazemos um intercâmbio entre pacientes/familiares e equipe assistencial. Dentro da geriatria o cuidado humanizado e individualizado se mostra de grande valia, sendo parte diária do nosso trabalho.

Em equipe multidisciplinar, organizamos os esforços de forma a atender a demanda específica dos pacientes, engajando familiares e cuidadores primários nos cuidados, promovendo a assistência domiciliar e diminuindo a incidência de reinternações.

Sobre as calamidades

O período pandêmico trouxe muitas incertezas, medos e desafios constantes. Para além do cansaço físico, o mental se fazia muito visível. As rotinas mudaram e eram alinhadas e atualizadas diariamente, envolvendo

³ Mestre em Saúde Mental e Transtornos Aditivos.

⁴ Consultora em Amamentação. Especialista em Saúde do Adulto e do Idoso.
Email: mdresch@hcpa.edu.br



diretamente os enfermeiros, maiores gerenciadores da assistência dentro do hospital.

A atividade diária do trabalho foi ajustada, como nunca havíamos experienciado antes. Muitos profissionais abdicaram de suas horas de descanso e trabalharam períodos extras para cobrir colegas ausentes. As rotinas de higiene foram enfatizadas e cobradas constantemente, assim como capacitações e orientações eram administradas a fim de acompanhar todas as mudanças frequentes.

Muitos adoeceram, não somente pela COVID, e os afastamentos do trabalho foram numerosos, provocando exaustão das equipes. O modo remoto de trabalho foi muito utilizado nesta época, assim como muitos colegas foram realocados a outros setores de maior demanda no momento. O isolamento trouxe ajustes também no âmbito familiar, com aulas online para as crianças, o que sobrecarregou ainda mais as famílias como um todo.

Atualmente, muitos profissionais e pacientes ainda sentem as consequências físicas e psicológicas da pandemia, apresentando sintomas de fadiga, memória alterada e propensão a problemas respiratórios. Casos de COVID ainda continuam a aparecer, com menor rigor, mas o medo e as incertezas no cuidado a estes pacientes reduziram grandemente, tendo em vista que agora sabemos como lidar com esta comorbidade.

O evento das cheias no RS está sendo um acontecimento arrebatador para todos os gaúchos. Afetados diretamente ou não, sofremos e sentimos todas as consequências deste desastre ambiental. Tem se revelado um fenômeno surpreendente dentro do ambiente hospitalar, o impacto está sendo tão grande quanto foi na pandemia, pois desta vez estamos lidamos com a falta e escassez de um insumo básico de consumo que é a água.

O racionamento e as ações de contingências afetaram as equipes e o cuidado diretamente. O cansaço e as incertezas estão fazendo parte de nossa rotina novamente, expondo nossas vulnerabilidades em todos os aspectos. Mais uma vez tivemos que fazer horas adicionais no trabalho, dando suporte físico e emocional aos colegas, pacientes e às tantas famílias afetadas.

Tanto no ambiente de trabalho como em casa, o uso racional de água e luz mostrou-se imprescindível, trazendo um sentimento de coletividade ao



povo gaúcho. Preocupações e incertezas com inúmeros tipos de perdas e adversidades, incluindo distanciamento familiar, alteração de rotinas, bloqueios de estradas e ruas, aumentaram de forma significativa o sentimento de impotência frente aos muitos efeitos desta catástrofe.

Aos colegas

Caros colegas!

Assuntos difíceis, treinam a mente!

Exercícios difíceis treinam o corpo!

Pessoas difíceis treinam o coração!

Tempos difíceis treinam o espírito!

Desejamos-lhes todo tipo de resiliência capaz de lhe fazer seguir em frente!

Que possamos abraçar os mandamentos de nossa profissão, atuando com compaixão e presteza, mostrando e oferecendo o nosso melhor!

Que a bondade não lhe seja escassa e que a alegria e confiança estejam sempre ao seu lado! Sigamos em frente!

Sigamos firmes em nossos propósitos e em nossa bravura de recomeçar e lutar pelo nosso melhor combate!

Avante!



4. VIVÊNCIAS DE PACIENTES QUE NECESSITAM FAZER HEMODIÁLISE PARA SOBREVIVER EM MEIO A TANTA DIFICULDADE DEVIDO A CATÁSTROFE

Daiana Brasil Flores⁵

Daiana Brasil Flores atua em uma clínica de hemodiálise como enfermeira assistencial.

Entendo que meu trabalho faz toda a diferença para os pacientes que necessitam de uma máquina para sobreviver. Eles dialisam três vezes por semana, em dias alternados, distribuídos em três turnos, para darmos conta de atender uma população que vem aumentando cada vez mais, atualmente sem uma idade estabelecida.

Por serem pacientes crônicos são solicitantes. Por questões de segurança, precisamos ter muita atenção e cuidado ao instalar o equipamento para fazer o tratamento, cuidando para minimizar os riscos de infecção com seus acessos, competindo à enfermeira estar sempre atenta a todos momentos.

Sobre a enchente

Quando começaram os relatos de inundação, percebi o quanto eu poderia fazer a diferença e ajudar. No atendimento dos meus pacientes, precisei me tornar mais psicóloga e assistente social para poder dar conta de tanta dor e sofrimento.

Durante o dia, eu tinha horário para entrar no trabalho, mas não tinha horário para sair devido à dificuldade de acesso dos pacientes, sem horário certo para chegar. E ao mesmo tempo me dividia para ajudar os meus familiares que perderam tudo na enchente. Procurei tentar dormir melhor nas horas que conseguia e me alimentar bem para conseguir dar conta de um dia tão longo.

⁵ Enfermeira Nefrologista. Especialista em Unidade de Tratamento Intensivo e Emergência.
Email: daianabflores@gmail.com



As nossas vidas mudaram completamente quando nos deparamos com as pessoas fora de suas residências, andando sem rumo, minha casa pequena, porém abrigando tantas pessoas, todos juntos e se organizando para as refeições, a falta de água e luz.

Mas tudo dava certo, de uma forma ou outra, e atendia as necessidades de todos. No trabalho todos se dividiam, quem tinha uma marmita a mais dava para o colega fazer uma refeição, porque todos estavam na mesma situação, sem água ou luz, e muitas vezes sem gás. Com a ajuda de todos não faltava nada, ninguém ficava de fora com a ajuda coletiva.

Essa catástrofe me transbordou de uma avalanche de sentimentos misturados, precisava trabalhar na clínica para salvar meus pacientes que dependiam da máquina para sobreviver, ao mesmo tempo eu queria estar nas ruas para fazer o resgate dos alagados, e quando chegava em casa eu precisava dar apoio a meus familiares que também perderam tudo.

Nós da área da saúde somos um grande diferencial na vida de tantas pessoas, somos a linha de frente, nós podemos fazer a diferença a quem tanto necessita. Hoje, no estado do RS, quem tem um teto para morar, saúde e uma casa pode se considerar uma pessoa de muita sorte. Então siga essa corrente de solidariedade, nunca esqueça do próximo.



5. ATUAÇÃO DE UMA ENFERMEIRA ROTINEIRA

Viviane Boneli⁶

Viviane Boneli é enfermeira rotineira na Unidade de Tratamento Intensivo (UIT) do Hospital Ernesto Dorneles.

O meu trabalho é realizar e revisar protocolos institucionais, treinar os colaboradores novos sobre normas e rotinas pertinentes da unidade, revisar e propor planos de ação para melhorar os indicadores assistenciais, bem como elaborar a escala de folga e férias dos colaboradores, e realizar a gestão de leitos da UTI juntamente com a equipe médica

Sobre as calamidades

No período pandêmico me senti exausta, pela carga de trabalho infinitamente mais pesada; sobrecarregada, pois, muitos colegas também adoeceram; emocionada, visto que havia muitos pacientes jovens, o que fazia me colocar no lugar deles.

Fiquei afastada da minha família (pais, irmã e sobrinhos) pois entendia que eu era um risco à saúde deles. No trabalho, naquela época, fazíamos uma jornada 12 X 36h diuturnamente, o que era bem cansativo.

Foi um período difícil, tive que me adaptar a viver sozinha, a ver meus familiares apenas por vídeo chamadas, não sendo possível o toque, o beijo, o abraço. Tive que me adaptar a fazer exercícios físicos em casa (algo que eu adoro, mas que nesse momento também foi feito em solidão). Os estudos passaram a ser todos de forma online, o que foi um desafio já que venho de uma geração na qual sempre estudei presencialmente. No trabalho houve a adaptação da jornada de trabalho, dos momentos de confraternização que não era mais possível fazer, dos lanches sozinhos...

Quando a pandemia acabou me senti mais forte, resiliente, sabendo que havia vencido mais aquela árdua batalha, mais empática, mais humana

⁶ Especialista em Terapia Intensiva e em Auditoria de Contas e Gestão Hospitalar
Email: enfviviaboneli@gmail.com.br



(diversas vezes me emocionei com a história dos pacientes e de suas famílias neste período).

Diante desse cenário catastrófico que estamos vivendo em nosso estado com as enchentes, as primeiras palavras que me vem à mente são impotência e tristeza. Impotência de não poder fazer mais, de muitas vezes não saber o que fazer, e tristeza por ver o nosso amado estado destruído. Mas ao mesmo tempo me vem a palavra força, nós gaúchos temos fama de ser teimosos e de não desistirmos facilmente e acho que com tudo que aconteceu em nosso estado, sinto mais orgulho de ser gaúcha, de saber que o povo ajuda o povo, o povo ergue o povo.

É o povo pelo povo. Na primeira semana do desastre, por residir na região metropolitana, não foi possível transitar para meu trabalho. Neste período fui ser voluntária nos resgates e abrigos e pude assim, utilizar meu conhecimento para ajudar quem mais necessitava naquele momento, trabalho que foi extenuante, mas ao mesmo tempo gratificante.

Na semana seguinte me mudei" para a capital, para conseguir me locomover mais facilmente ao trabalho, novamente abandonei minha família, meu noivo em nosso apartamento, mas dessa vez por pouco tempo. E diante dessa tragédia, não me sinto confortável de reclamar de nada, porque fui uma privilegiada em não perder nada e nem ninguém.RS é uma fênix e vai ressurgir.

Fica a dica!

"Grandes batalhas só são dadas a grandes guerreiros " Mahtam Gandhi



6. RIO GRANDE DO SUL: SOBREVIVENDO ÀS ENCHENTES: UM RELATO DE RESILIÊNCIA E SOLIDARIEDADE

Cristiane Lima Abrahão⁷

Cristiane Lima Abrahão é uma profissional com 15 anos de experiência em enfermagem, com ênfase na atenção ao paciente adulto e na gestão de equipes de enfermagem.

Minha carreira tem sido marcada por um compromisso sólido com a excelência no cuidado ao paciente e na liderança de equipes para alcançar os melhores resultados.

Atualmente, ocupo a função de enfermeira em gerenciamento de projetos no Grupo Hospitalar Conceição, onde utilizo minha expertise em enfermagem com habilidades de gerenciamento de projetos. Meu objetivo é promover continuamente a qualidade do paciente e fomentar o desenvolvimento de projetos em saúde.

Sobre as calamidades

O período pandêmico surgiu de forma súbita e inesperada em nossas vidas, tanto no Brasil quanto no mundo. Durante esse período, eu estava trabalhando nas enfermarias do Hospital Nossa Senhora da Conceição, quando repentinamente o COVID-19 emergiu em nosso cenário. Unidades foram isoladas para atender esse novo perfil de pacientes, enquanto medidas e recomendações globais foram adotadas para proteger e conter a disseminação da doença. Foi um momento assustador, gerando muita insegurança em relação ao futuro e às dimensões que essa crise poderia nos

⁷ Especialista em Urgência e Emergência, em Atenção Primária em Saúde. Especialização em Estomatoterapia em andamento. Mestre em Enfermagem.
Email: cristianelabrahao@gmail.com



afetar. Experimentamos um período de perdas rápidas e dolorosas, levando-nos a reconsiderar nossas vidas.

Vivemos isolados, distantes de nossos familiares, pais e amigos, em uma tentativa desesperada de evitar a contaminação e proteger nossos entes queridos da doença. Houve mudanças significativas nos comportamentos e nos cuidados: abraçar um filho ou um esposo só era permitido após um banho exaustivo, levando a uma reorganização completa da rotina familiar.

Por um longo período, parecia que a situação não teria fim, e a tão esperada vacina parecia estar distante. Hoje, após a devastação causada pela COVID-19, para mim que não perdi entes queridos, o luto que experimento parece insignificante em comparação com aqueles que sofreram perdas. Descrever meus sentimentos pode parecer egocêntrico. Para mim, dentro de minha "bolha pessoal", foi superado, e para os demais?

Sobre as enchentes, as águas turvas do Rio Grande do Sul refletem não apenas um céu carregado de nuvens de tempestade, mas também um peso devastador que impacta profundamente a vida de milhões de pessoas em todo o estado.

Segundo relatórios recentes da Defesa Civil, quase 90% das cidades gaúchas foram afetadas pelos intensos temporais, resultando em inundações e deslizamentos de terra em 437 dos 497 municípios. Os números são alarmantes: 161 vidas perdidas, 85 desaparecidos, 581.633 desalojados e 72.561 abrigados.

Para muitos, a luta pela sobrevivência começou com o aumento das águas, forçando famílias a abandonarem suas residências e buscarem refúgio em abrigos ou casas de parentes.

O deslocamento é difícil, com estradas bloqueadas e acessos dificultados pelas águas revoltas, gerando medo e incerteza sobre o futuro. A rotina diária dos gaúchos foi drasticamente alterada, substituindo a tranquilidade pela urgência e incerteza.

Autoridades governamentais articulam estratégias para suprir as necessidades da população, incluindo a realocação de recursos, construção de hospitais de campanha e pistas de pouso para helicópteros. Histórias de



heroísmo e tragédia se entrelaçam, com pessoas comuns se tornando heróis improváveis ao resgatar vizinhos presos nas águas furiosas.

Apesar da devastação, há sinais de esperança, com comunidades se unindo em solidariedade e voluntários fornecendo alimentos e suprimentos essenciais para os necessitados. Enquanto as águas começam a recuar, o trabalho de reconstrução está apenas começando, e embora as cicatrizes sejam profundas, a resiliência do espírito humano nos faz acreditar na recuperação do Rio Grande do Sul. Juntos, enfrentaremos as adversidades, reconstruiremos nossas comunidades e encontraremos a força para seguir em frente, mesmo diante da incerteza.

Aos colegas

Mesmo diante das adversidades mais desafiadoras, a resiliência do espírito humano nos guiará na reconstrução, unindo comunidades e fortalecendo laços de solidariedade. Juntos, encontraremos a força para superar as cicatrizes deixadas pela tempestade, transformando a tragédia em oportunidade de renovação e crescimento.



7.A FORÇA DA ENFERMAGEM À FRENTE DAS ADVERSIDADES.

*Elisandra Leites Pinheiro⁸
Sidiclei Machado Carvalho⁹
Isabella dos Santos Coppola¹⁰*

Elisandra Leites é Coordenadora das Unidades de Internação Adulto do Hospital Moinhos de Vento. Professora na Graduação de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde Moinhos de Vento.

Minhas atividades são coordenar a equipe de enfermagem das Unidades de Internação Adulto, promover a gestão de pessoas, orientar os enfermeiros para o cuidado do paciente internado, nas premissas de: assistir, pesquisar, participar e ensinar ativamente.

Sidiclei Carvalho é Gerente de Enfermagem do Hospital Moinhos de Vento. Coordenador dos Cursos de Pós-graduação da Faculdade de Ciências da Saúde Moinhos de Vento. Responsável por toda equipe de enfermagem da instituição nas três premissas: educação, pesquisa e assistência.

Isabella Coppola é enfermeira assistencial, referência no grupo de Estomaterapia do Hospital Moinhos de Vento, responsável por avaliar e acompanhar os pacientes estomizados, com alto risco de desenvolver lesão por pressão e com lesões em tratamento.

Sobre as calamidades

Sobre a pandemia, sabemos que foi um período de muita angústia, medo e sofrimento, portanto nosso objetivo foi garantir aos pacientes a

⁸ Mestre em Educação em Saúde. Email: elisandra.pinheiro@hmv.org.br

⁹ Mestre em Ciências da Saúde; Doutorando em Enfermagem.

¹⁰ MBA em Auditoria em Saúde e Especialização em Dermatologia.



transformação de sua experiência, aliando excelência técnica-científica e segurança emocional para pacientes, familiares e colaboradores.

A enfermagem tem a força de se adaptar às diversidades encontradas e reforça o cuidado humanizado e centrado no paciente preservando sua proteção individual e autocuidado. Inicialmente o sentimento foi de medo e insegurança por estar atuando frente a algo desconhecido. Com o passar das semanas, a instituição criou um comitê de crise e os novos protocolos e processos foram se adequando, e com isso veio um novo sentimento de esperança de dias melhores.

A família se manteve protegida em casa e a organização do trabalho seguiu a mesma rotina, alguns dias foram realizados home office. A rotina se tornou um pouco mais contida, precisou mais cautela nos momentos de lazer e permanecer mais em casa.

As aulas foram realizadas todas com a metodologia de educação à distância. Sentíamos falta de ter contato com família, alunos e professores, mas sabíamos que era necessário naquele momento.

Para o trabalho iniciamos o projeto de experiência do paciente, utilizando o método 5W2H:

- Painel dos Heróis: Painel inspiracional dedicado aos colaboradores, remetendo o sentido de super-herói com o propósito de cuidar de vidas em todos os momentos;
- Musicoterapia: Momento de sair da rotina com a escuta de música tocada e cantada por colaboradores com o objetivo de tornar o ambiente mais leve;
- Crachá do Colaborador: Diante da paramentação, saber que atrás de uma máscara existe um sorriso foi fundamental, acompanhado pelo brilho no olhar em cada atendimento, em cada cuidado, em cada toque;
- Certificado Vitorioso: Ao sair com segurança o paciente recebe o certificado de vencedor da batalha contra o COVID-19 e recebe uma salva de palmas da equipe da Unidade de Internação;
- Mensagem nas refeições: Uma atitude simples e que gera grandes resultados são as mensagens motivacionais entregues aos pacientes no seu quarto, proporcionando um cuidado e atenção individualizada a cada paciente;



- Bloquinho da Esperança: Impressão de mensagens positivas em bloquinhos de anotação entregues para os pacientes.

Em relação à equipe de enfermagem dobramos a carga horária, realizamos hora extra para suprir os colaboradores que estavam ausentes. Aprendemos a valorizar mais as coisas simples, como o toque, o abraço. Ter as pessoas que amamos com saúde e seguras.

O resultado do nosso projeto foi:

- Fortalecimento dos valores institucionais;
- Vivência da hospitalização mais humanizada e com foco no paciente, além de protocolos clínicos reconhecidos para tratamento da COVID-19;
- Aumento da motivação dos colaboradores, deixando o clima mais harmonioso: cuidar de vidas e cuidar de quem cuida;
- Consolidação do padrão de excelência e qualidade do Hospital.

Em relação a catástrofe climática, os últimos acontecimentos no Rio Grande do Sul têm sido a maior tragédia já vivenciada por nós gaúchos. Mesmo não sendo afetados diretamente, o sentimento é de tristeza imensa por toda a população.

Testemunhamos amigos, parentes e equipe de colaboradores que perderam seus bens conquistados de uma vida inteira. Novamente vivenciamos a necessidade de retomar um comitê de crise para diariamente organizar o fluxo de trabalho e fortalecer nossa missão, cuidar de vidas.

Criamos um abrigo para os colaboradores que não conseguiam retornar para suas casas e realizamos ações com eles, como a noite do hambúrguer e a do cinema.

Construímos e monitoramos planilhas de transporte e acolhimento com a psicologia e assistência social.

Realizamos a "lojinha" de doações com roupas e produtos de higiene para os colaboradores que necessitam e para a comunidade.

Participamos de ações sociais com o Moinhos Social em abrigos como, Pix solidário, atendimento de pacientes, triagem.



Além disso, o sentimento de medo de colapso entre a saúde com as pessoas com risco a estarem doentes, visto a exposição das águas contaminadas.

Aos poucos estamos retornando ao novo normal com sentimento de missão cumprida visto ser nosso mês da enfermagem.

Aos colegas

Juntos somos mais fortes!



8. ATENDIMENTO DE ENFERMAGEM NA LINHA DE FRENTE: DA REORGANIZAÇÃO DO TRABALHO À VIDA PESSOAL

*Cibele Duarte Parulla¹¹
Alexandra Nogueira Mello Lopes¹²*

Cibele Parulla é enfermeira do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, atualmente no Serviço de Educação em Enfermagem. Atuo capacitando os novos profissionais da instituição e desenvolvo atividades educativas para toda a equipe de enfermagem, especialmente as áreas ambulatoriais, de psiquiatria adulto e infantil e, adição.

Alexandra Nogueira Mello Lopes é enfermeira do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no Serviço de Enfermagem Cirúrgica. Realizo atividade assistencial em unidade de internação, com foco em pós-operatório de cirurgias ortopédicas. Também atuo como membro executivo do Programa Intra-hospitalar de Combate à Sepse realizando capacitação e atualização sobre o tema com as equipes de enfermagem do hospital.

Sobre as calamidades

Durante o período pandêmico muitas incertezas ocorreram na vida pessoal e profissional. Como enfermeiras de uma instituição de saúde, houve a realocação para o atendimento em linhas de frente, tanto em terapia intensiva quanto em internação clínica. Foram necessários diversos treinamentos e atualizações para realizarmos a assistência de forma segura, como a paramentação e desparamentação específica para o atendimento de pacientes com coronavírus. Dessa forma, não somente o local de trabalho sofreu modificações, quanto às rotinas e organização pessoal e familiar.

¹¹ Doutora em Enfermagem. Email: cdparulla@gmail.com

¹² Doutora em Enfermagem.



Além das incertezas no atendimento ao paciente, por tratar-se de uma patologia nova, havia também o receio de contaminação e transmissão do vírus para familiares, gerando um período de afastamento físico. O isolamento social teve como efeito aumento da ansiedade, estresse e insônia.

Como estudantes de doutorado, vivenciamos também mudanças nas rotinas de aulas, que passaram a ser ministradas on-line. O reencontro com familiares e amigos no período pós pandêmico, além do restabelecimento das atividades em geral, foi muito esperado e tornou-se um momento de grande comoção.

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul foram de uma magnitude jamais experienciada antes. Apesar de não atingida diretamente, de forma física, não há como não sofrer diante de tantas perdas materiais e humanas. Além de amigos, muitos colegas de trabalho foram atingidos por esse evento climático e perderam suas casas, além de estarem incapacitados de atuar em seus locais de trabalho.

Muitas estradas ficaram alagadas, com risco de desabamento e até mesmo pontes foram levadas pela força da água, o que ocasionou impossibilidade de acesso ao hospital para um número grande de profissionais da enfermagem. Sendo assim, houve uma reorganização dos recursos humanos para atendimento assistencial nas unidades desfalcadas. Outra importante adversidade a ser superada no ambiente hospitalar foi a falta de água para atendimento aos pacientes internados e impossibilitando a realização de novos procedimentos e cirurgias.

Em contrapartida, o atendimento voluntário foi direcionado inicialmente para abrigos para as pessoas resgatadas e, posteriormente, para o resgate de reabilitação dos animais.



9. ENFERMAGEM ONCOLÓGICA

Tiago Rafael da Silveira Meller¹³

Tiago Meller é enfermeiro assistencial no Centro de Oncologia e Infusões da Unimed Porto Alegre, onde atuou desde janeiro de 2022.

O trabalho de enfermagem em um ambulatório de oncologia é complexo. Realizamos a admissão e triagem dos pacientes em tratamento quimioterápico, garantimos um acesso venoso seguro e administramos os quimioterápicos. A

Por meio de protocolos assistenciais, cuidamos dos pacientes até a alta ambulatorial, assegurando que recebam a educação adequada para o manejo dos efeitos colaterais do tratamento. Para potencializar o cuidado, os pacientes são acompanhados pelo programa de Navegação Oncológica, no qual também atuou, elaborando planos de cuidados individuais focados nas necessidades específicas de cada paciente.

Sobre as calamidades

A pandemia da COVID-19 foi um momento inesquecível devido ao seu impacto em diversas vidas e no cotidiano mundial. Naquela época, eu morava em Passo Fundo, a mais de 200 km da minha cidade natal, Três de Maio. Era residente de segundo ano no serviço de Oncologia do Hospital de Clínicas de Passo Fundo. A adaptação foi necessária, pois as aulas da especialização passaram a ser remotas e cumpríamos escala na linha de frente, atuando nas triagens de pacientes com sintomas da doença em uma unidade de saúde local.

Esse período foi desafiador, tanto profissionalmente, por não ter o "privilégio" de ficar seguro em casa já que a profissão exigia continuidade, quanto pessoalmente, por estar longe da família. O medo e a ansiedade foram constantes, mas a essência da minha profissão me impulsionou a seguir em

¹³ Especialista em Oncologia. Email: tiago.rsmeller@hotmail.com



frente. Em 2021, mudei para Porto Alegre, assumindo um cargo como enfermeiro especialista. Esta nova etapa me trouxe conquistas, pessoas e aprendizados que levo comigo até hoje.

O momento atual é delicado. A recente catástrofe climática que devastou nosso estado transformou a chuva em um sinônimo de medo, angústia e destruição. Este é um período marcado pelo luto coletivo, ao vermos tantas pessoas perderem o que levaram anos para conquistar. Pessoalmente, sinto alívio por não ter sido diretamente afetado e, ao mesmo tempo, uma profunda impotência ao presenciar queridos amigos e pacientes abalados por não conseguirem salvar o básico.

No âmbito profissional, continuamos trabalhando e nos adaptando à nova realidade. Como serviço oncológico, não pudemos interromper os atendimentos, pois muitos pacientes dependem de nossos cuidados e tratamentos. Com a equipe reduzida, a rotina ficou mais corrida, e a incerteza sobre os próximos dias gerou ansiedade. Mesmo em meio a essa situação triste, a esperança e a resiliência trazem cor aos dias cinzentos, pois a solidariedade prevalece, proporcionando certa paz e tranquilidade àqueles que tanto sofreram.

Aos colegas

Falar sobre si mesmo e sobre os próprios sentimentos pode ser um desafio, muitas vezes as palavras não saem. No entanto, posso resumir minha trajetória, destacando minha atuação profissional e experiências em momentos difíceis, dizendo que a base de tudo é amar o que se faz. A enfermagem, especialmente a enfermagem oncológica, me torna uma pessoa melhor a cada dia. É esse amor pelo meu trabalho e pelas pessoas que necessitam de nossos cuidados que me motiva a seguir em frente, enfrentando pandemias ou enchentes, com o objetivo de levar luz à vida de muitos e tornar meu propósito significativo.



10. NOVAMENTE NO DIA ZERO

Melina Maria Trojahn¹⁴

Melina Trojahn trabalha na Unidade de Cuidados Coronarianos (UCC) como enfermeira.

Durante minha rotina diária, avalio e realizo todo o processo de enfermagem em pacientes internados com patologias ou descompensações cardíacas.

Esta unidade também é responsável pelo cuidado de pacientes pré e pós-transplante cardíaco, com os quais estabelecemos uma relação próxima, pois eles frequentemente permanecem internados por meses. Em maio, durante as intensas chuvas no Rio Grande do Sul, recebemos pacientes resgatados por helicópteros de diversas cidades do estado.

Sobre as calamidades

Durante a pandemia da COVID-19, trabalhei na linha de frente do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, em um período bastante triste. No início, ninguém sabia muito bem como garantir nossa proteção; utilizamos muitas paramentações e as normas mudaram várias vezes.

No começo, me senti confiante, mas após uma semana de trabalho em que vários pacientes jovens morreram e um colega precisou ser intubado, tive certeza de que também morreria. Após esse episódio, procurei ajuda psicológica para lidar com a pressão e as mortes.

Fiquei meses sem ver minha família, incluindo meu único sobrinho, o que foi a parte mais difícil. Também trabalhei em dois empregos, realizando cerca de 18 horas de plantão diário. Após a pandemia, percebo que aglomerações me deixam angustiada e claustrofóbica, e passei a valorizar muito mais minha família e amigos.

¹⁴ Mestre em Enfermagem. Especialista em Cardiologia. Email: mtrojahn@hcpa.edu.br



Sobre a calamidade atual, no dia 3 de maio de 2024 fomos avisados que nosso bairro estava em área de risco de alagamento. Peguei meus três cachorros e algumas roupas, pensando que logo voltaria, e deixei meu gato, temendo que ele estranhasse o novo local ou fugisse, já que esperava voltar em dois ou três dias. Uma amiga ficou de cuidar dele.

À medida que a água subia e atingia o térreo do prédio, percebi que não voltaria tão cedo e fui buscar meu gato. Na primeira tentativa, fui até o viaduto Cairu, mas só estavam resgatando pessoas. No dia seguinte, após o plantão noturno, minha irmã e eu fomos até a Polícia Rodoviária Federal, perto da Arena do Grêmio, uma jornada de mais de duas horas e meia devido às ruas alagadas. Próximo à Arena, a situação era triste, com pessoas do bairro vivendo no viaduto, e barcos civis ajudando nos resgates. Inicialmente, não quiseram ajudar, mas acabaram nos levando ao condomínio para buscar o gato.

O condomínio estava muito alagado, e tivemos que nadar até o térreo e subir onze andares para resgatá-lo. Desde então, sinto um grande alívio por estar com ele. Após 23 dias fora de casa, ainda não tenho previsão de retorno, mas estou feliz por ter todos os meus filhos de quatro patas comigo.



11. PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DURANTE O ATENDIMENTO AMBULATORIAL ÀS PESSOAS COM ESTOMIA DE ELIMINAÇÃO NA ENCHENTE DE MAIO DE 2024

Márcia Elaine Costa do Nascimento¹⁵

Márcia Nascimento é enfermeira do Serviço de Enfermagem Ambulatorial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), integrante da Comissão Multidisciplinar de Prevenção e Tratamento de Feridas atuando como consultora interna sobre estomias. Membro pleno da Associação Brasileira de Estomaterapia (SOBEST) e Secretária da seccional SOBEST- RS (2024-2026).

Sobre as calamidades

A pandemia foi um período verdadeiramente assustador e nos exigiu reavaliação de prioridades e readaptações na forma de trabalho. O trabalho e os estudos foram realizados principalmente de forma online, oportunidade que tive de aprender sobre o uso de tecnologias digitais e pude realizar muitos cursos à distância. O teleatendimento de Enfermagem foi mais utilizado e, desta forma, pode ser melhorado e atualizado, uma vez que já realizávamos anteriormente.

A vivência pessoal das enchentes foi algo avassalador para mim, minha família e para os pacientes/familiares atingidos. Muitos recursos materiais dos pacientes com estomias foram perdidos, demandando muitas solicitações dos pacientes e colegas, de diferentes cidades, os quais foram otimizados nos seus atendimentos, pelos grupos de mídias sociais.

As experiências e relatos de angústia e sofrimento que temos vivenciado, precisam encontrar um sentido humano renovado. Sentido este

¹⁵ Mestre em Enfermagem. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e em Estomaterapia. Email: mnascimento@hcpa.edu.br



que crie e desenvolva melhorias e avanços para cuidar mais e melhor das pessoas. As ações de colaboração, parceria e comunhão às pessoas em condições vulneráveis, foram os exemplos mais importantes e significativos que observamos no período das enchentes, então que possamos aprender com eles, aprimorando nossas práticas com qualidade nos acolhimentos, nas interlocuções com os pares e na incorporação de mais cuidado implicado com o respeito, a ética e amorosidade.

Fica a dica

As experiências e relatos de angústia e sofrimento que temos vivenciado, precisam encontrar um sentido humano renovado. Sentido este que crie e desenvolva melhorias e avanços para cuidar mais e melhor das pessoas. As ações de colaboração, parceria e comunhão às pessoas em condições vulneráveis, foram os exemplos mais importantes e significativos que observamos no período das enchentes, então que possamos aprender com eles, aprimorando nossas práticas com qualidade nos acolhimentos, nas interlocuções com os pares e na incorporação de mais cuidado implicado com o respeito, a ética e amorosidade.



12. PERCEPÇÃO DE ENFERMEIRAS ASSISTENCIAIS FRENTE A PANDEMIA E CATÁSTROFE CLIMÁTICA

Aline Maria de Mello¹⁶
Mari Ângela Victoria Lourenci Alves¹⁷

Aline Mello é enfermeira do HCPA alegre, chefia de unidade de internação clínica e enfermeira assistencial, realizo cuidados assistenciais a pacientes clínicos, cirúrgicos e que necessitam tratamento com iodoterapia, cuidados focados em segurança assistencial e humanização.

Mari Ângela Alves é enfermeira assistencial em unidade de internação Clínica e Cirúrgica do HCPA, apresentando um trabalho de qualidade e diferenciado

Sobre as calamidades

Aline Mello

A primeira sensação foi medo do desconhecido, após o aumento de conhecimentos sobre a doença o medo foi dando lugar a força para trabalhar e atender os pacientes. Nesse período me distanciei dos meus pais que eram idosos a fim de evitar contaminação dos mesmos.

A vida foi repensada pós pandemia pois tive a sensação de fragilidade iminente do ser humano frente a essa pandemia, busquei pensar mais no hoje e viver mais o dia a dia.

Frente a catástrofe climática hoje observamos uma equipe de trabalho mais madura para encarar tal situação pois já tiveram a experiência anterior da pandemia. Ainda com muitas dificuldades a serem enfrentadas mas com

¹⁶ Mestre em Saúde Mental e Transtornos Aditivos. Especialista em Auditoria em Saúde, em Psiquiatria e Saúde Mental MBA de Gestão e Negócios em Saúde.
Email: alinemello@hcpa.edu.br

¹⁷ Especialista em Acupuntura e em Enfermagem em Nefrologia.
Email: mariangela2292@gmail.com



mais serenidade nos problemas gerados na catástrofe climática, como os de mobilidade urbana e déficit de pessoal para o trabalho, gerando sobre carga de trabalho as equipes.

Mari Ângela Alves

Neste período me senti muito apreensiva e com medo, pois ao mesmo tempo que estamos na linha de frente deixamos nossos amores em casa (filha, cônjuge, irmã, pais), tivemos que nos reinventar e aprender a fazer muitas coisas com a família online.



13.MANTENDO O ATENDIMENTO A PESSOAS COM ESTOMIAS NUM PERÍODO DE CALAMIDADE PÚBLICA

Rosaura Soares Paczek¹⁸

Rosaura Paczek é enfermeira em um serviço público de Estomaterapia no sul do Brasil há 22 anos, atendendo pessoas com estomas de eliminação.

O Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria Estadual de Saúde (SES) é o responsável pela aquisição dos equipamentos coletores e adjuvantes para o cuidado com estomas de eliminação e pela distribuição para todos os municípios do Estado, possuindo uma variedade de materiais, em torno de 65 itens.

O cadastro e a dispensação são realizados de forma online, no sistema GUD-Gerenciamento de Usuários com Deficiência, contando com 11500 pessoas com estomias de eliminação cadastradas. No local onde trabalho temos cerca de 700 pessoas com estomias cadastradas, onde são distribuídos os materiais mensalmente, conforme o cadastro realizado no sistema informatizado. Atendo em média, 150 consultas de enfermagem mensais para orientações, tratamento de complicações no estoma ou pele periestomal, treinamento para irrigação de cólons.

Sobre a calamidade

O meu local de trabalho foi atingido pela enchente que ocorreu no sul do Brasil em maio de 2024 e fomos remanejados para outro local. Pensando em dar continuidade ao atendimento às pessoas com estomias, conseguimos uma sala e fizemos contato com a responsável da Secretaria Estadual de Saúde para verificar a possibilidade de buscar os materiais para distribuir aos pacientes. Como a retirada de material é mensal, cada paciente possui uma

¹⁸ Mestre em Saúde Coletiva. Especialista em Estomaterapia.
Email: rspaczek@gmail.com



data para retirada, além disso, muitas pessoas tiveram que sair de suas casas e ficaram sem material para os cuidados com o estoma.

Buscamos os materiais e foi necessário deixar nas caixas pois não havia espaço para o armazenamento. Ajeitamos em cima de uma maca, de cadeiras e mesas. Se algum paciente necessitasse da troca da bolsa, procurávamos um consultório vago para poder realizar o procedimento.

Foi muito triste ver as notícias e os relatos das pessoas que perderam tudo na enchente, mas ao mesmo tempo, ao andar pela cidade nos locais não afetados, parecia que nada estava acontecendo, que era um sonho aquilo que se via na televisão. Minha família não foi atingida diretamente, ficamos sem água por alguns dias, mas isso não era nada ao comparar com quem teve que sair de casa só com a roupa do corpo, com a incerteza de quando poder voltar e de como iria encontrar o seu lar e os seus familiares.

A mudança do local de trabalho também é algo não muito fácil de lidar, saímos da zona de conforto, estamos em um local diferente, ocupando espaços de outros trabalhadores, que também tiveram que se adaptar com a divisão dos espaços. Colegas de outros serviços ajudando, enviando mensagens por aplicativo do celular, ligando para que os pacientes saibam onde estamos atendendo. Nosso trabalho está sendo reconhecido pelas pessoas com estomias, pelos elogios ao nosso atendimento e agradecimento a todo nosso empenho em conseguir atendê-los.

Aos colegas

No meio deste caos em que estamos vivendo, a solidariedade das pessoas de todo o Brasil e do mundo com o que estamos enfrentando é lindo de se ver, nem tudo está perdido.



14. EXPERIÊNCIAS DE ENFERMAGEM DURANTE O ATENDIMENTO DOMICILIAR

*Claudir Lopes da Silva*¹⁹

Claudir Lopes da Silva é enfermeiro, proprietário da Cuidar em Casa Home Care.

Nos últimos anos, o atendimento domiciliar tem se consolidado como uma modalidade essencial dentro do sistema de saúde, refletindo uma tendência global de desospitalização e de cuidados centrados no paciente. Esse modelo de cuidado proporciona inúmeros benefícios, incluindo a redução de infecções hospitalares, a diminuição de custos e o aumento do conforto e satisfação dos pacientes.

Neste cenário, eu montei uma empresa para atuar no cuidado com o paciente na desospitalização. Hoje realizo atendimentos em domicílio para pacientes que estão estáveis, mas necessitam de cuidados específicos de profissionais qualificados e medicamentos de uso restrito hospitalar.

Sobre a calamidade

Durante a enchente no Rio Grande do Sul, vivenciei uma montanha-russa de emoções que marcaram profundamente minha carreira e minha vida pessoal. A tragédia trouxe à tona uma mistura intensa de sentimentos que iam do desespero à esperança, da tristeza à determinação.

No dia em que tudo começou estava realizando a rota de atendimento e houve a necessidade de interromper, devido a impossibilidade de chegar aos locais. A previsão de uma catástrofe iminente gerava um nó no estômago, uma sensação de impotência diante da força da natureza. Ao mesmo tempo, um senso de responsabilidade e de urgência tomava conta de mim, sabendo que

¹⁹ Doutorado em Diversidade e Inclusão Social. Mestre em Enfermagem
Email: claudirportoalegre@gmail.com



minha atuação seria crucial, pois a falta de continuidade dos atendimentos poderia gerar danos irreparáveis.

Quando as águas começaram a subir rapidamente, a situação nas comunidades afetadas tornou-se caótica. Os lares, que deveriam ser um lugar de refúgio e segurança, transformaram-se em um cenário de emergência contínua. Durante esses momentos, senti um peso esmagador de responsabilidade. Cada decisão precisava ser rápida e precisa, cada ação podia significar a diferença na vida e na continuidade ou interrupção do cuidado.

Um dos momentos mais marcantes foi quando conseguimos reorganizar as equipes e, apesar de que alguns profissionais estavam com suas casas alagadas, estes permaneceram realizando os atendimentos domiciliares para evitar a necessidade de internação hospitalar dos pacientes. Apesar do cansaço extremo e do estresse, esses pequenos triunfos alimentavam nossa determinação.

Agora, olhando para trás, sinto um orgulho imenso por ter feito parte de uma equipe que enfrentou a tragédia de frente e trabalhou incansavelmente. A experiência me ensinou lições valiosas sobre resiliência, empatia e o verdadeiro significado de ser um enfermeiro.



15. RESILIÊNCIA

Déborah Bulegon Mello²⁰

Déborah Mello atua há 10 anos em unidade de internação para atendimento a paciente portadores de microrganismos multirresistentes e demais medidas de bloqueio epidemiológico, setor pioneiro no RS na internação de pacientes portadores da COVID-19.

Membro da Comissão Intra-hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT) e da equipe de Retirada de Múltiplos Órgãos (RMO-HCPA), participando da logística de captação de órgãos e tecidos a serem transplantados pelo HCPA, em toda a região sul, incluindo coordenação de sala cirúrgica, acondicionamento e transporte dos órgãos e tecidos captados.

Sobre as calamidades

A pandemia foi um período que demandou extrema resiliência para todos, mas essencialmente para os profissionais de saúde. Especificamente para nós, que recebemos a primeira internação por COVID-19 do estado, quando ainda não havia protocolos estabelecidos para controle de infecção e manejo dos pacientes.

O medo foi o sentimento predominante: medo de contrair a doença, medo da morte, medo de ter algum familiar/amigo atingido, medo que estava por vir. Diante de toda a incerteza, a ansiedade tomou conta do nosso cotidiano.

Foi necessário readaptar toda a rotina de vida e trabalho. Novas orientações surgiam todos os dias, demandando extrema atenção no contexto laboral. No contexto pessoal e social, foi preciso se afastar, principalmente da família, para evitar contaminações. Os profissionais de saúde passaram a ser

²⁰ Mestre em Enfermagem. Especialista em Gestão em Enfermagem, em Captação, Doação e Transplante de Órgãos e Tecidos.
Email: dbmello@hcpa.edu.br



os "heróis da linha de frente", mas que socialmente não eram bem-vindos em lugar nenhum, pois representavam risco de disseminação da doença.

O período de isolamento serviu para aprimorar conhecimentos e investir em estudos à distância. Posteriormente à pandemia, tivemos que lidar com as consequências físicas e mentais do que vivenciamos: além das sequelas da doença em si, para quem se contaminou, as inúmeras perdas, o medo, a ansiedade. Profissionalmente, a incorporação de práticas assistenciais de bloqueio epidemiológico foi necessária, mas também a implementação de novas medidas de contingência.

Quanto às enchentes, parece que estamos vivendo uma segunda pandemia, em termos de sentimento. Novamente a ansiedade e o medo do que está por vir nos dominam. Diariamente, as notícias não parecem melhorar e a dimensão dos danos só aumenta. Primeiramente, os resgates, salvar e abrigar quem foi diretamente atendido.

Agora, atender as complicações de saúde causadas pela contaminação das águas. Além disso, a tentativa de recuperar o que foi perdido em termos materiais. As consequências disso tudo vão demandar de nós por muito tempo. Teremos de ser, novamente, resilientes - quando mal nos recuperamos do trauma anterior.



16. PEQUENOS GESTOS PODEM FAZER GRANDE DIFERENÇA

Carolina Lopes Severo Cortelini²¹

Carolina Cortelini trabalha há 15 anos em uma unidade clínica de pacientes em isolamento por germes multirresistentes no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), com atribuições assistenciais e educativas. Além de liderar a implementação de protocolos de prevenção de infecções e fornecer cuidados diretos aos pacientes, priorizo a educação contínua da equipe e dos pacientes.

A educação contínua sobre cuidados com a pele e prevenção de lesões é uma prioridade, especialmente devido à alta dependência dos nossos pacientes e à prevalência de lesões por pressão. Além disso, adotamos medidas para evitar infecções cruzadas, incluindo o uso adequado de equipamentos de proteção individual, aprimoramentos nos protocolos de limpeza e desinfecção, e a promoção de práticas de higiene entre pacientes e equipe.

Sobre as calamidades

Durante a pandemia, trabalhei diretamente com pacientes da COVID-19 e isso me causou uma mistura de sentimentos intensos, incluindo ansiedade, medo e preocupação constante. A incerteza do futuro e o temor de infectar meus entes queridos foram avassaladores.

Na organização familiar, somente eu saía de casa para trabalhar e ir ao supermercado, enquanto meu marido cuidava dos nossos dois filhos. Foi um período desafiador, com muito medo do desconhecido. Fiquei meses sem ver presencialmente meus pais, que são idosos.

²¹ Especialista em Emergência. Email: ccortelini@hcpa.edu.br



Vi colegas de profissão internados em Unidade de Tratamento Intensivo, entre a vida e a morte. Isso, sem dúvida, vai ficar marcado pra sempre na minha memória. Quando tive COVID minha filha também adoeceu comigo, foi um dos momentos mais desesperadores, pois tinha certeza que eu tinha levado o vírus pra dentro de casa.

Para lidar com a situação, precisei equilibrar o trabalho com os cuidados da família, além de encontrar formas de manter meus filhos ocupados e cuidar da minha saúde mental. Embora algumas restrições já não existam mais, ainda sinto ansiedade em relação ao futuro. Aprendi a valorizar mais os momentos em família e estou determinada a priorizar minha saúde física e mental.

As enchentes no RS trouxeram à tona sentimentos semelhantes aos vivenciados durante a pandemia: ansiedade, medo e preocupação. Enquanto lidava com as demandas do trabalho, sentia-me sobrecarregada pela sensação de impotência diante da magnitude da tragédia. Em casa, a preocupação era com a segurança da família, ficamos sem água, as crianças sem aula e a incerteza sobre o futuro eram constantes. Ao mesmo tempo, surgia uma sensação de culpa por não poder ajudar mais e por me sentir privilegiada por não ter sido afetada diretamente.

No trabalho, lidar com a escassez de funcionários, visto que foram afetados pela enchente, foi desafiador e muito triste. Embora me sentisse impotente por não poder ajudar diretamente nas operações de socorro, busquei contribuir de outras maneiras, realizando doações e auxiliando financeiramente pessoas próximas que estavam na linha de frente.

A devastação causada por esse tipo de desastre é inimaginável e pode deixar marcas emocionais e materiais duradouras. Doar, mesmo que pareça pouco para nós, pode significar muito para quem recebe, mostrando como pequenos gestos podem fazer grande diferença em tempos de crise.



17. INCERTEZAS NO ATENDIMENTO AOS PACIENTES CRÍTICOS EM HOSPITAIS PÚBLICOS DO DISTRITO FEDERAL

Ana Claudia Rodrigues da Silva²²

Ana Claudia Rodrigues da Silva trabalha há 13 anos em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) de hospitais públicos, sou servidora pública do Distrito Federal.

Atualmente, sou preceptora de programa de residência multiprofissional em terapia intensiva e docente da Escola Superior de Ciências da Saúde. Durante a Pandemia de COVID19 eu atuava no setor de hemodiálise, realizando hemodiálise em pacientes críticos da unidade de terapia intensiva, pronto socorro e clínica médica. Fiz alguns plantões em pronto socorro para pacientes com a COVID.

Sobre as calamidades

A pandemia da COVID-19 foi um período de muita instabilidade e insegurança profissional, tanto para mim quanto para os meus colegas. Eu vi um colega de trabalho ser internado e intubado por COVID, ficando mais de 30 dias internado e após isso, ter sequelas físicas. Eu trabalhava apreensiva e com todos os equipamentos de proteção individual (EPIs) possíveis.

No auge do aumento dos casos da COVID, fui para um hotel para não contaminar minha família. Entretanto, após 8 meses de pandemia, fui infectada com o Coronavírus, perdendo olfato e com ficando com dificuldade respiratória. Após 10 dias de corticoide e melhora do quadro viral, retornei ao meu trabalho, sem sequelas.

Acerca dos processos de trabalho na UTI, a principal modificação foi a utilização adequada de EPIs antes de entrar na unidade e após sair da unidade. De um modo geral, a pandemia afetou direta e indiretamente os

²² Mestranda em Saúde Pública. Especialista em Terapia Intensiva, em Nefrologia e em Docência em Enfermagem. Email: enf.anaclaudia.acr@gmail.com



profissionais de saúde, pois os próprios contraíram o vírus ou tiveram familiares afetados, além de ter que lidar com o sofrimento diário dos pacientes.

Sobre as enchentes do Rio Grande do Sul, apesar de não ser da região, fiquei muito estarrecida e comovida. Pude acompanhar alguns vídeos em tempo real de uma advogada e de uma enfermeira, elas mostrando a inundação e o pós-enchente.

Auxiliei por meio de envio de pix, mas com a consciência de que foi pouco. Essa advogada que eu acompanho, estudava para concursos e mostrou seus livros perdidos e sujos de lama, além da sua casa que teve perda total, fatos que me impressionaram bastante. Já, a enfermeira, apesar de não ter tido sua casa atingida diretamente, está atuando na compra de materiais de higiene e colchões para os desabrigados.

Aos atingidos pela enchente

E como mensagem para os atingidos pela tragédia do Rio Grande do Sul: que vocês tenham força e coragem para recomeçar e não percam a fé que dias melhores virão.



18. SAÚDE MENTAL E ENCHENTE

Sonia Walkiria dos Santos Miralha²³

Sonia Miralha é enfermeira do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), atuando com foco em urologia reconstrutiva e saúde mental. Trabalho com paciente pós-cirúrgicos, incluindo pacientes que passam pelo processo transexualizador, processo que se destina a uma população conhecida como "transgênero", referindo-se a uma ampla categoria de pessoas que apresentam uma não conformidade com o gênero que foi designado ao nascimento.

Dentro dessa temática, sou a única enfermeira que acompanha, de forma integral, o cuidado a esses pacientes na instituição. Conduzo essa população em grupos psicoterapêuticos, momento em que os pacientes relatam suas experiências de vida, barreiras de acesso vividas diariamente, angústias, faltas e os vislumbres da esperança de dias melhores.

Sobre a calamidade climática

Meu sentimento com a situação foi de angustia e preocupação. Quanto a organização familiar, meu esposo é engenheiro civil e coordenador das estradas e foi atuar nas estradas desde o primeiro momento, com escolas fechadas as filhas ficaram em casa e na casa de avós.

No trabalho houve angustia generalizada, equipe diminuída, frustrações de estar sem suas casas e difícil acesso (com demora de até 6h) para chegar no HCPA), necessidade de trabalhar a saúde mental em meio a catástrofe climática

Como fiz neste momento? Priorizei a organização da logística para atender familiares e filhas, fui me readequando a forma de trabalho, atendi pacientes e colegas que haviam sido atingidos com a enchente. Ainda estamos vivendo o momento, com a vida em reconstrução, aos poucos se apresentando a realidade a ser enfrentada, com déficit financeiro, dificuldade de locomoção,

²³ Mestre em Saúde Mental, Adições e Drogas. Especialização em Urgência e Emergência.
Email:smiralha@hcpa.edu.br



e sentimentos que estão sendo apresentados, principalmente por parte dos pacientes dos grupos referentes à na saúde mental, impotência ao terem visto e vivenciados animais e pessoas falecendo, brigas e abusos. Misturado com solidariedade e carinho de desconhecidos.

Sentimento de preocupação com o momento e pensando no futuro, como reconstruir o que perdemos? Levará anos, vamos precisar de auxílio dos governantes e de saúde mental para passar por todo o processo que está sendo traumático.

Aos que tem saúde e casa, ficar sem água foi o de menos.

Sobre meus atendimentos nos grupos de pacientes transexuais, está sendo um momento de escuta e de pensarmos juntos formas de se reerguer. Traumas como ver pessoas se afogando, presas por grades de suas residências, as quais tinham a finalidade de proteção e segurança e se tornaram o objeto que acarretou o fato de ficarem presas. Momento muito triste, que teremos que ressignificar.

Não acredito que queiramos voltar ao normal, o normal nos trouxe a esse momento. Devemos repensar nossas atitudes e reconstruir novos caminhos.



19.O PAPEL DO ENFERMEIRO, NA CONSULTA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM DOENÇA CRÔNICA

Andréia Tanara de Carvalho²⁴

Andréia Carvalho é enfermeira assistencial do serviço de ambulatório em um hospital universitário para atendimento de pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). O local possui 66 especialidades, no qual os pacientes realizam consultas, exames e procedimentos.

A consulta de enfermagem ambulatorial, é uma grande aliada na adesão ao tratamento dos pacientes com doenças crônicas, a exemplo do diabetes, pois muitas vezes o enfermeiro é considerado pelo paciente um profissional de confiança, no compartilhamento de seus problemas de ordem física, emocional, social e econômica.

A relação com o paciente com diabetes exige olhar atento, pois apesar de estar fora da fase aguda do problema, a continuidade dos cuidados, uma boa rede de apoio e compreensão da importância do tratamento, está associado a melhores resultados, portanto uma boa escuta é fundamental.

Como educador, o enfermeiro busca construir junto ao paciente estratégias que possibilitem mudanças de comportamento dentro da sua realidade, registros de enfermagem adequados e acompanhamento pelo mesmo profissional também reforçam a relação de confiança e compromisso.

Sobre a calamidade climática

Como profissional de saúde e vítima do evento climático, me sinto muito vulnerável neste momento, pois além da tristeza dos dias longe de casa e o receio de uma nova ocorrência, convivo com as aflições diárias de vizinhos e amigos próximos que tiveram perdas maiores, além de todas as notícias vistas diariamente.

²⁴ Mestranda em Educação. Especialista em Cuidados Paliativos e Docência em Enfermagem. Email:ancarvalho@hcpa.edu.br



A rotina familiar mudou, somos eu e meu filho de 22 anos, pois como temos cachorros, precisamos nos organizar com famílias que poderiam receber os pets junto a nós.

Desde a pandemia, no serviço de ambulatório, foi adotado o teleatendimento, e mais uma vez, se mostrou uma ferramenta bastante eficiente no atendimento aos pacientes que por diferentes motivos não puderam comparecer às consultas, muitos também vítimas das enchentes, pois, nesse atendimento fica possível fazer orientações e saber a atual condição de saúde do paciente, não precisando esperar até uma próxima consulta.

Fica a dica!

Eu gostaria de desejar muita resiliência a todos nós neste momento de tanta dificuldade em nosso Estado e dizer para que não percamos a fé e esperança em dias melhores, pois só vejo isso como o caminho para sairmos disso.



20. TELEATENDIMENTO NO PERÍODO DE CONTINGÊNCIA CLIMÁTICA

Luciana Ramos Corrêa Pinto²⁵

Luciana Pinto atua como enfermeira assistencial no ambulatório de reabilitação de um hospital universitário da cidade de Porto Alegre, onde realiza atendimento de pacientes após a alta hospitalar.

Sobre as calamidades

No período pandêmico atuei como enfermeira em uma unidade de terapia intensiva (UTI) de um hospital referência em casos graves. Houve um aumento significativo no número de atendimentos. Assim, a pandemia se mostrou como um grande estressor dos sistemas de saúde devido à grande demanda por leitos de UTI e por profissionais qualificados.

Enfrentamos muitos desafios que exigiram estratégias e planos de adaptação a esta nova realidade como: admissão de grande número de profissionais devido a expansão dos leitos, educação permanente em massa em curto período de tempo de forma presencial e remota por videoconferência, revisão e padronização de técnicas assistenciais e uso correto da paramentação dos equipamentos de proteção individual (EPI), entre outros.

Nesse contexto, o equilíbrio entre trabalho e família tornou-se um estressor para nós os profissionais de saúde, tendo em vista a prevenção da contaminação das pessoas que mais amamos. Foi um período muito desafiador, com medos, angústias, cansaço físico e estresse psicológico.

Até hoje recebemos pacientes no ambulatório de reabilitação com sequelas decorrentes deste vírus tão devastador, que nos faz lembrar dos sentimentos vividos decorrentes desta situação devastadora.

²⁵ Mestre em Enfermagem. Especialista em Terapia Intensiva e em Cuidados Paliativos.
Email: Pinto-lrcpinto@hcpa.edu.br-



O evento climático que ocorreu no Rio Grande do Sul no mês de maio de 2024 afetou fortemente os atendimentos ambulatoriais, pela dificuldade de deslocamento até o hospital tanto pelas vias de acesso afetadas quanto pelo acometimento direto aos pacientes.

Diante desta situação buscamos acessar os pacientes remotamente, como forma de identificar as necessidades atuais e avaliar a continuidade dos cuidados em domicílio, realizando orientações como: realização de curativos, cuidados com estomias e dispositivos, além de estratégias de gerenciamento do enfrentamento. Evitando deslocamento desnecessário e riscos decorrentes do evento climático.



21. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO COMO VOLUNTÁRIO EM SITUAÇÃO DE CATÁSTROFE AMBIENTAL

*Mitieli Vizcaychipi Disconzi*²⁶

Mitieli Disconzi é enfermeira assistencial do serviço de ambulatório de um hospital universitário da cidade de Porto Alegre.

Atuei junto a Força Nacional do Sistema Único de Saúde (SUS), como voluntária na catástrofe que assolou o estado do Rio Grande do Sul (RS) em setembro de 2023, onde enchentes em forma de tsunami, acometeram as cidades do Vale Taquari causando destruição em grande parte destas cidades.

Sobre calamidade climática

A experiência na atuação em catástrofes difere de um serviço ambulatorial, pois estamos frente a um cenário de muita destruição, tensão e de situações inesperadas. No entanto, por já ter atuado anteriormente no evento climático em 2023, já possuía alguma experiência neste tipo de situação. Estive atuando novamente na enchente que o nosso Estado está enfrentando na cidade de Canoas/RS. Mais uma vez o papel da enfermagem se destacou num momento de crise e de tanta fragilidade, insegurança, perdas e medo.

Trabalhei em conjunto com a equipe multiprofissional em um hospital de campanha, com as seguintes atividades: escuta ativa, triagem, procedimentos, também, estive realizando abordagem, busca ativa em um dos abrigos, o que envolve as dimensões psíquicas, sociais e culturais. Dessa forma, fica evidente a relevância do papel do enfermeiro na linha de frente da assistência e a importância do treinamento de equipes de enfermagem para o

²⁶ Mestrado Profissional. Especialista em Saúde Mental e em Enfermagem Dermatológica. Email: mdisconzi@hcpa.edu.br



atendimento de catástrofes climáticas, que têm sido cada vez mais frequentes em nosso estado.



22. RESILIÊNCIA EM MOMENTOS CRÍTICOS

Thais Reis de Lima²⁷

Thais Reis de Lima é enfermeira assistencial em unidade Onco-Hematológica, com ações de planejamento, execução e supervisão das atividades da enfermagem em todo ambiente, centrado no cuidado do paciente.

Quando estamos tratando de pacientes oncológicos e hematológicos, alguns cuidados do enfermeiro se sobressaem, pela complexidade assistencial e a visão holística, além do conhecimento da teoria com a prática clínica necessária. Na onco-hemato a assistência é baseada em avaliação do enfermeiro minuciosa, conhecimento sobre as doenças (em sua maioria com uma grande complexidade e risco iminente a vida), sobre os quimioterápicos (suas reações e protocolos específicos), assistência ao paciente e família, com base na ética e sensibilidade em todo contexto.

Sobre as calamidades

A pandemia nos trouxe inseguranças e mudança dos hábitos simples da vida. A organização familiar precisou ser modificada, na situação deixei de conviver com meus pais (idosos) em prol da segurança, para que pudesse estar em linha de frente junto a instituição hospitalar e cuidar dos pacientes.

Na época, estava dando aula para cursos de pós-graduação e a modificação precisou ser rápida e responsável. Aulas de 8 horas, precisavam ser repensadas para que o conteúdo fosse repassado e entendido, sem o cansaço das telas de computadores.

Na assistência, precisei mudar de área e atuar em frentes de contingência, por falta de colegas nas especialidades como unidade de cuidado intensivo, e pelo aumento e criação de novas unidades que se faziam necessárias pelo número de pacientes graves. A mudança para áreas críticas

²⁷ Mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano.
Email: trdlima@hcpa.edu.br



e a necessidade iminente, fez com que todo conhecimento anterior viesse a ser utilizado de forma rápida, em virtude daquele momento de catástrofe na saúde coletiva.

Após vivermos a pandemia e acreditarmos que já havíamos passado pelo pior, vem a enchente no RS, que nos faz lembrar o quão somos pequenos diante de cenários extremos. A enchente, a falta de abrigo, de água, luz e situações básicas do cotidiano, nos faz refletir sobre a importância de vínculos e momentos de gozo familiar, ao invés das demandas financeiras, que por vezes, nos afastam por tantas horas do nosso ambiente caloroso e amoroso do lar.

Mesmo sem sofrer pela enchente, com água demandada na chuva em minha casa, fui indiretamente impactada pela falta de água e luz no bairro, precisando me abrigar na casa dos familiares, que já abrigavam parentes que sofreram com a enchente e a perda material e sentimental, com alagamento das memórias. As notícias que chegavam, com a situação de bairros vizinhos e amigos que perderam tudo, doem tanto quanto no momento da pandemia. Novamente nos sentimos impotentes, com situações que não há como se proteger, novamente a insegurança.

Fica a dica!

Em qualquer calamidade estaremos nos sentindo inseguros e por vezes injustiçados. Mas são nesses momentos que refletimos e olhamos para dentro de nós mesmos, priorizamos o que realmente importa. Nas duas calamidades, a grande lição é priorizar o tempo com quem realmente ama. O trabalho, o estudo, as demandas do dia a dia são importantes sim, mas quando estamos com a família, precisamos estar com a família, realmente presentes, de corpo e mente, sem celulares, sem redes sociais, e apenas estar ali, fazendo-se presente.

A felicidade são pequenos momentos do dia a dia, é construída e vivida diariamente. Novamente a enchente vem para nos apoiarmos e reerguermos, sermos melhores do que fomos ontem. Mostrar o quanto podemos ser resilientes.



23. CENÁRIOS DE UMA PANDEMIA: VIVÊNCIAS DE UM ENFERMEIRO DA SAMU

Heron Mousquer²⁸

Heron Mousquer é enfermeiro assistencial no SAMU do Hospital Regional das Missões, Empresário e Responsável Técnico da Empresa RT Cursos e Treinamentos.

Sobre a pandemia

No começo ninguém tinha conhecimento do tamanho da proporção que a pandemia poderia chegar. Conforme foi aumentando o número de pessoas doentes, as condições de insumos foram encarecendo e ficando limitados, os profissionais com jornadas de trabalho exaustivas, mas com o passar dos dias o profissionalismo foi vencendo o medo.

Atendimento no pré-hospitalar SAMU: A SARS-CoV-2 sendo transmitida por gotículas e através de contato superficial era tudo que tínhamos de informações da vigilância Epidemiológica.

O que marcava o cotidiano dos profissionais era a falta de anamnese dos pacientes entre um atendimento clínico e ao trauma ou uma parada cardiorrespiratória, todos os pacientes eram tratados como casos suspeitos ou confirmados, trabalhávamos com a angústia de transportar os riscos de contaminação.

Por ser um veículo fechado e estarmos muito próximo ao paciente, o profissional demonstrava uma insegurança e medo de sermos potenciais vetores de contaminação por estarem em contato com a população diariamente e conviver com uma incerteza dos itens de EPIs quanto a sua segurança, qualidade e se estávamos usando corretamente.

²⁸ Especialista em Enfermagem do Trabalho. Possui MBA em Administração Hospitalar.

Email: heronsilvamousquer@yahoo.com.br



24.A ENFERMAGEM PROTAGONISTA NO COMBATE AO CORONAVÍRUS

Luis Alexandre Herter²⁹

Luis Alexandre Herter é enfermeiro Assistencial do Hospital Regional Unimed Missões.

Sobre a pandemia

A pandemia contribuiu com grandes transformações no campo das ciências e comunicação. Estes ambientes puderam ser abordados com maior constância durante o período pandêmico, fortalecendo a busca pelo controle da doença através do manejo adequado, protocolos estiveram vigentes e o contato com o paciente passou ser cada vez mais asséptico possível, tentando de todas as maneiras uma abordagem mais limpa atrás do uso correto dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), até a chegada da vacina onde a taxa de transmissão foi sendo minimizada com o passar do tempo.

A enfermagem como porta voz do cuidado esteve na linha de frente, embarcando diretamente em um combate frenético contra a COVID-19, um vírus invisível com potencial propagação, assim equipes de enfermagem do mundo inteiro duelaram bravamente, em uma guerra onde vivemos as incertezas de um prognóstico diante de suas próprias vidas e dos pacientes.

O que eu pude experimentar como enfermeiro foram equipes sendo dissolvidas e realocadas, treinamentos em curto período e a tentativa de buscar humanização em meio ao caos instaurado.

As ciências, tecnologia e a comunicação superavam a cada pesquisa atingida gerando otimismo a quem se recolhia em quarentena, entretanto o mundo se tornou vazio e a vida foi ficando possível dentro de casa assim as ferramentas tecnológicas puderam se fazer presente minimizando a saudade e contribuindo com todos os eixos da nossa sociedade.

²⁹ Mestrando Ensino Científico e Tecnológico. Email: aleherter@gmail.com



Ser enfermeiro neste período foi o que já experimentei de mais difícil como profissional, as decisões tomadas e tentativas de minimizar a dor do outro e tentar o olhar humanizado em um período catastrófico para a humanidade, tornou-se diferente perante todas as circunstâncias da vida.

Hoje conseguimos viver um momento pós-pandemia onde números da doença foram reduzidos, voltamos a circular livremente, aprendemos com a pandemia a ter força e sermos resilientes em um pedaço da história da saúde e da enfermagem.

Contudo acredito que nossa união como profissionais de todas as áreas fazem a diferença mediante as adversidades, e podemos cooperar diretamente e indiretamente, esta junção de ciência, tecnologia, coragem e humanização contribuíram com a continuação da nossa existência.



25. PERCEPÇÕES DE UMA ACADEMICA DE ENFERMAGEM NA PANDEMIA

*Mônica da Silva Santos*³⁰

Mônica da Silva Santos é enfermeira da Unidade de Pronto Atendimento 24h de Santo Ângelo.

Sobre a pandemia

Com o avanço da disseminação do coronavírus, o país começou a adquirir pequenas quantidades de imunizantes que estavam disponíveis no mercado. Como a disponibilidade de doses da vacina era limitada, foi necessário estipular grupos prioritários até que o país consiga abranger um maior grupo de pessoas. Diante do cenário que estávamos vivenciando, se precisou de voluntários para ajudar no acolhimento da população e triagem. Não se tinha número de profissionais suficientes para atender a população e nem uma estrutura informatizada dos dados da população, nem sistema de registro pelo Ministério da Saúde, fazendo assim que esse trabalho fosse feito através de listas impressas.

Com isso se exigiu a necessidade de rápida estruturação de pontos de vacinação, inicialmente utilizaram-se as avenidas da cidade para proporcionar maior vazão de pessoas, interrompendo-se o trânsito por um tempo determinado para que pudesse ser realizada a vacinação, por conseguinte, montou-se uma estrutura com grandes barracas para que a equipe pudesse organizar os equipamentos, insumos, geladeira e os fluxos de vacinação e para aqueles que não possuíam meios de transporte, a aplicação era no centro de cultura. Ao passar dos dias / meses mais faixas etárias foram sendo contempladas.

³⁰ Especialista em Oncologia e Urgência e Emergência. Email: monika_cem@hotmail.com



Com a chegada do inverno foi preciso nos alocar no CTG, para melhor organização da equipe e proporcionar um maior conforto a população que podia esperar sentada a sua vez de tomar o imunizante.

Participar de quase todas as etapas desse processo fez sentir a emoção enorme das pessoas que chegavam para receber a dose. Muitos chegavam com dúvidas de quando seria a próxima dose ou questionavam sobre os efeitos adversos das vacinas, outros iam contra vontade com medo, outros reclamavam que não queriam esperar ou fazer o cadastro, ouvimos muito “não uso o SUS, não precisa me cadastrar”, porém a vacinação foi disponibilizada pelo SUS e os registros são obrigatórios.

Também foi possível observar o cansaço mental e físico por ser um trabalho repetitivo que exigia muita atenção, alguns dias foram 10 horas ininterruptas de vacinação, chegando a serem imunizadas mais de 3400 pessoas, a equipe ficava muito tempo em pé, muitas vezes abdicando das suas necessidades para conseguir atender a demanda.

Participar da campanha de vacinação contra a COVID-19 e poder proporcionar um conforto e esperança às pessoas nos mostrou o quanto é gratificante o trabalho dos profissionais de enfermagem, apesar de exaustivo. Mesmo diante das dúvidas, medos, insegurança e até da ira de algumas pessoas, permaneciam firmes e juntos com o mesmo objetivo e dedicados a levar proteção à sociedade. Foram 246 horas de trabalho, misturados com momentos de alegrias, cansaço e tristeza ao ver a exaustão físico e mental dos profissionais. Apesar de todo trabalho técnico desenvolvido, podemos dar ainda mais valor aos pequenos gestos de carinho como lanches e água que era sinal de agradecimento ofertado pela comunidade durante nosso trabalho. Essas demonstrações nos traziam motivação para continuarmos na batalha para vencer essa doença que devastou diversas famílias



26. VIVÊNCIA DO ENFERMEIRO NO TRATAMENTO DE LESÕES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E NO AMBIENTE HOSPITALAR FRENTE A CRISE CLIMÁTICA DE MAIO/2024

Raquel Yurika Tanaka³¹

Aline Nunes Haar³²

Raquel Tanaka é enfermeira assistencial no serviço de enfermagem clínica de um hospital universitário no município de Porto Alegre.

Minha trajetória na Instituição iniciou em 2016 e durante 7 anos trabalhei em uma unidade de internação referência no tratamento de pacientes oncológicos. Atualmente sou enfermeira em uma unidade de internação clínico-cirúrgica.

Desde 2017 atuo como consultora da Comissão de Prevenção e Tratamento de Feridas da instituição, onde realizo atividades educativas e de avaliação, prevenção e tratamento de lesões. Os procedimentos de enfermagem envolvem o manejo de lesões complexas como desbridamento instrumental, indicação de coberturas especiais e aplicação de laser de baixa potência.

Aline Nunes Haar iniciou sua trajetória com enfermeira em um hospital da rede privada do município de Porto Alegre, atuando por 9 anos na área de internação, referência em Oncologia.

Desde 2014, atuo na área de internação clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), onde realizo atividades assistenciais com rapidez, agilidade e resolutividade. No setor em que trabalho realizamos atendimento a pacientes clínico-cirúrgico de diversas especialidades e prestamos assistência a paciente submetidos a iodoterapia.

³¹Especialista em Enfermagem em Estomaterapia, em Enfermagem Oncológica e em Saúde Pública. Email: rtanaka@hcpa.ufrgs.br

³²Especialista em Enfermagem Oncológica, em Pediatria e em Gestão em Saúde.



Sobre as calamidades

Após a identificação dos primeiros casos da COVID-19 no RS, o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), por ser considerado um hospital público, universitário e de alta complexidade, passou a receber os pacientes graves acometidos pela doença.

Frente aos desafios de escassez de insumos, incertezas e medo, a instituição e as equipes assistenciais tiveram que realizar adequações estruturais, assistenciais e organizacionais para atender este público. Devido à complexidade e gravidade dos acometidos pela COVID-19 houve um aumento considerável de pacientes com lesão por pressão, principalmente nos que necessitaram de suporte avançado de vida ou internações prolongadas em UTI.

Nas unidades de internações, recebemos muitos desses pacientes com lesões por pressão e com desafio de manejar, tratar e realizar a transição de cuidados no planejamento da alta. Além disso, houve a necessidade de treinamentos, atualizações das equipes assistenciais e articulação com a rede para encaminhamentos desses pacientes na alta hospitalar.

Sobre a enchente, em nossos locais de trabalho experimentamos a dura realidade durante este período. Vários profissionais da área da saúde foram afetados, alguns drasticamente, com perdas materiais importantes, desalojando os mesmos para abrigos ou para casa de familiares, fatos que impactaram diretamente as escalas de trabalho.

Em nossa unidade especificamente, as equipes médicas não conseguiam efetuar as altas para vários pacientes, devido impossibilidade de conseguir ambulâncias para o transporte ou por não haver meios para retorno para o domicílio. Muitos residem na serra gaúcha, região em que foi castigada duramente primeiramente por chuvas torrenciais e após deslizamentos, derrubando estradas e impedindo acesso à região.

Houve a necessidade de fechamento da unidade e remanejamento dos pacientes a fim de evitar prejuízos ao atendimento. O engajamento dos membros da equipe de enfermagem foi de suma importância. Toda a equipe



foi remanejada para outras unidades do hospital. Nesse momento o racionamento de água já ocorria na instituição.

Várias medidas foram tomadas para se evitar o desperdício de água como: uso de material descartável para acondicionamento das alimentos para as refeições, troca de roupa de cama somente se estritamente necessário, e o mais importante, escalas de trabalho mais flexíveis, os que podiam realizar home-office, foram liberados para manter menor o fluxo de pessoas na instituição.

Ainda estamos nos adaptando, o retorno ao trabalho em sua totalidade não ocorreu até o momento. Mas já é possível um vislumbre, que com a ajuda de todos a normalidade retorne aos poucos.



27.O MEDO E O RENASCER DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Fernanda Lourega Chieza*³³

Fernanda Chieza é enfermeira, atualmente na Unidade de Cuidados Coronarianas do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

O coração sempre foi a minha paixão, desde antes da graduação. Quando fui admitida no setor me senti completa profissionalmente, a complexidade e a importância do trabalho com pacientes com cardiopatias exigem dedicação e conhecimento. A cada sorriso de agradecimento, oração atendida de recuperação diante de um paciente crítico, e acompanhar o renascer diante das possibilidades de tratamento, como o transplante cardíaco trazem satisfação imensurável.

Sobre as calamidades

Durante a pandemia da COVID-19, os sentimentos de medo e tristeza se tornaram comuns na vida de muitas pessoas, inclusive na minha. Em março de 2020, quando o vírus começou a se espalhar rapidamente pelo mundo, fui tomada por uma sensação avassaladora de incerteza sobre o futuro.

As notícias mostravam hospitais lotados, pessoas morrendo, e logo essa realidade também era a minha. Quando o vírus chegou até nós na linha de frente na UTI do Hospital de Clínicas, eu e minha colega na época instintivamente reunimos a equipe e oramos, não para um Deus mas com fé em algo maior, pedimos que aquele plantão terminasse de forma segura para todos.

O medo de contrair o vírus e de transmitir para família era apavorante. Cada vez que tinha que sair para ir para o plantão vinha aquele medo quase

³³ Mestre em Medicina e Ciências da Saúde. Especialista em Terapia Intensiva e em Cardiologia. Email:chiezaf@gmail.com



paralisador, mas sabia que era necessário, não só por mim mas por todos que precisavam da nossa assistência, de enfermagem.

Deixamos de nos relacionar com quem amamos e substituímos o calor humano e o contato físico pela ligação de vídeo e mensagens de voz, a saudade daqueles que amamos se fez presente pelos longos meses da pandemia.

A pandemia da COVID-19 foi um período marcado por sentimentos intensos de medo e tristeza, mas também fez renascer um novo eu, olhando para trás, esses momentos difíceis me trouxeram lições a certeza do amanhã me fez enxergar e viver o hoje, com amor e sem medo.

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024 trouxeram uma devastação sem precedentes. Fomos agora atingidos pela fúria das águas. Como enfermeira, vivi de perto os desafios e as emoções intensas de atender às vítimas das enchentes, mas, essas vítimas eram amigos, colegas e até familiares.

Não existiam pessoas desconhecidas afetadas, não há quem diga que não conhece nenhum afetado; pois todos fomos afetados se não materialmente, sentimentalmente. Ver nosso povo, nosso irmão tão devastado, somente com roupa do corpo salvando das águas aquilo que realmente importa, nos remete ao pensamento, a lembrar-nos. mas e o que de fato tem valor? A que devemos dar valor durante a vida?

Mais uma vez nós, profissionais da saúde, estamos na linha de frente. Então, nosso inimigo agora é a natureza? Ou nós que estamos sendo inimigos da natureza todos esses anos? Diante da desolação daqueles que perderam "tudo" e todo o seu mundo, só nos resta tratar das feridas abertas, com curativos e medicamentos para o corpo e palavras para alma.

Após 25 dias, reconstruir e recomeçar, e a vida nos ensinando, mais uma vez, que é cheia de começos e fins. "Mostremos valor, constância. Nesta ímpia e injusta guerra. Sirvam nossas façanhas, de modelo a toda Terra..."

Aos colegas

" A enfermagem não é só uma profissão, é um dom para cuidar, confortar e transformar vidas através da empatia, compaixão e conhecimento. Nós fazemos a diferença."



28. CONSULTÓRIO DE ENFERMAGEM: EMPREENDEDORISMO NA PRÁTICA

*Grasiele Costa Rodrigues*³⁴
*Lucio Rodrigo Lucca de Camargo*³⁵
*Priscila Gil Vargas*³⁶

Grasiele Rodrigues, Lucio Camargo e Priscila Vargas são enfermeiros da RC Enfermagem para Você.

A RC Enfermagem surgiu a partir de um sonho de dois enfermeiros que estavam querendo inovar, profissionais com anos de experiência assistencial e administrativa e que se reencontraram em um momento oportuno para recomeçar suas carreiras, dessa vez de maneira solo, empreendendo na enfermagem.

Uniram suas expertises e criaram a RC ENFERMAGEM, uma empresa que entrega uma experiência incrível de humanização e acolhimento, e entende que a necessidade do cliente é a nossa prioridade. Desenvolvemos todos os procedimentos e cuidados de enfermagem com atendimento a domicílio e consultório, temos como carro chefe o tratamento de lesões complexas e trabalhamos com algumas tecnologias, como: laserterapia, ozonioterapia, matriz de fibrina, terapia por pressão negativa e coberturas tecnológicas.

Não paramos de crescer e queremos entusiasmar enfermeiros que tenham perfil empreendedor a surfar nessa onda, disponibilizamos mentorias para novos empreendedores, e imersão no nosso consultório, uma oportunidade de vivenciar o dia a dia do enfermeiro empreendedor. Além da RC EDUCAÇÃO, onde compartilhamos nosso conhecimento para capacitar enfermeiros no tratamento de feridas a partir de tecnologias promissoras.

Sobre as calamidades

³⁴ Mestranda em Enfermagem. Enfermeira Dermatológica.

³⁵ Mestre em Reabilitação e Inclusão pelo IPA.

³⁶ Enfermeira Auditora em Saúde

Email: rc.enfermagemparavoce@gmail.com



Para a RC Enfermagem a pandemia foi o primeiro desafio a ser enfrentado, uma vez que estávamos no início de nossos trabalhos, tínhamos a dificuldade financeira aliada ao medo das pessoas nos receber no domicílio. Apesar das dificuldades, neste período muitos pacientes necessitavam de atendimento para tratar as feridas decorrentes dos tempos prolongados em hospitais, o que nos deu sustentação para a empresa enquanto negócio.

Novamente, neste ano de 2024, vivemos outra situação que abalou a economia do RS, a maior enchente de todos os tempos. Muitas pessoas tiveram seus lares destruídos, afetando diretamente a busca por serviços e o retorno financeiro.

Como profissionais de enfermagem e cidadãos, fomos para rua disponibilizar nossos conhecimentos para quem necessitava. Vivemos momentos difíceis com a paralisação das aulas, impedimento de transitar em diversos ambientes, estradas fechadas, clientes distantes sem atendimento.

Com a restrição e o serviço diminuindo de volume, conseguimos administrar a família. Foi também o momento de parar, refletir e planejar o que vem pela frente, pois ainda temos que estar preparados para doenças decorrentes da catástrofe.

Apesar da comoção e empatia, enquanto empresa, precisamos olhar adiante e nos preparar para oferecer assistência segura a essa nova onda de enfermidades. São dois momentos diferentes, mas que apresentam adaptações muito parecidas, com a suspensão das aulas e cursos no formato online para não atrasar seus cronogramas.

Na pandemia, como foi a primeira experiência, levamos algum tempo para entender sobre as novas ferramentas e colocar à disposição do público ações nesta modalidade. Fomos obrigados a sair da zona de conforto e buscar alternativas para alterar, incluir e excluir alguns hábitos de vida, fomos resilientes.

Os eventos que citamos sempre irão proporcionar mudanças, onde acreditamos que poderá ser melhor, passamos por momentos de mudanças, desde o formato de estudo, trabalho, até na forma que nos relacionamos com as pessoas. Passamos por perdas, dificuldade financeira e de trabalho, vivemos "na corda bamba", focados no futuro e com determinação de que



estamos cada vez mais próximos da prosperidade, é um misto de sentimentos envolvidos, que por muitas vezes pensamos em buscar outros caminhos, porém acreditamos em nosso propósito e seguimos firme e fortes.

Os eventos climáticos que atingiram o RS foram devastadores, identificamos a gravidade da situação pelas mídias, que mostravam cidades sendo devastadas, e rapidamente estivemos presentes. Atuamos na triagem das vítimas resgatadas e ajudando na organização de abrigos que estavam surgindo, pois nosso propósito sempre foi o cuidado ao próximo.

Vivenciamos experiências imagináveis, compartilhamos histórias impressionantes, e contribuímos com a recuperação e bem estar de pessoas que não conhecíamos.

Dividimos nosso tempo entre o empreendedorismo na enfermagem, filhos e família, voluntariado e demais atividades, e nos dedicamos a fazer o que fomos preparados, cuidar das pessoas com dignidade, segurança e humanização.



29. DESAFIOS NO CUIDADO DE PACIENTES ESTOMIZADOS DURANTE AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL

Ana Lúcia Lima Rieth³⁷
Rosaura Soares Paczek³⁸

Ana Lúcia Rieth atua como enfermeira residente em Atenção Básica, em um Ambulatório de Especialidades para pacientes com estomas.

Rosaura Paczek é enfermeira em um serviço público de Estomaterapia no sul do Brasil há 22 anos, atendendo pessoas com estomas de eliminação.

O trabalho desenvolvido no ambulatório auxilia na promoção da qualidade de vida dos pacientes, oferecendo orientações detalhadas sobre o autocuidado e o manejo adequado dos dispositivos de estoma. Além disso, dispensamos insumos essenciais para que os pacientes possam realizar o cuidado com estomas intestinais e urinárias, bem como produtos para o cuidado com a pele ao redor do estoma.

Sobre as enchentes

Com as fortes chuvas que atingiram o estado, o ambulatório, localizado em uma região próxima ao lago Guaíba ficou inundado, impossibilitando as atividades no local. Infelizmente, o evento não foi previsto com antecedência, levando à evacuação emergencial do prédio e à falta de comunicação com os pacientes sobre o remanejamento do serviço. Com isso, adversidades foram enfrentadas na tentativa de assegurar a continuidade do cuidado aos pacientes estomizados.

A equipe foi remanejada para outro local e se reorganizou para garantir que o atendimento continuasse, mesmo com recursos limitados: anotando os dados dos pacientes com papel e caneta, realizando ligações para avisar os

³⁷ Residente em Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública.

³⁸ Mestre em Saúde Coletiva.
Email: anarieth96@gmail.com



pacientes sobre o novo local de retirada dos insumos e de atendimento, caso necessário, improvisando estoques de insumos para dispensar aos pacientes, inclusive aqueles que estavam desabrigados de outros municípios, e dividindo salas disponíveis para o atendimento. Nesse sentido, houve muita apreensão e urgência, o que gerou um nível significativo de estresse com a readaptação. Ao mesmo tempo, havia um forte sentimento de responsabilidade e solidariedade para com os pacientes e colegas, que motivou a busca por soluções imediatas.

A calamidade pública evidenciou a necessidade de um planejamento robusto para emergências. Para garantir uma assistência adequada frente a situações de crise, é imprescindível fortalecer ainda mais o sistema de saúde. Isso inclui garantir o preparo dos profissionais e o planejamento adequado do sistema para lidar com situações atípicas de calamidade.

Além disso, é fundamental assegurar condições de trabalho adequadas para a atuação dos profissionais. Também é essencial que o paciente saiba como acessar o sistema e os pontos da rede quando necessário, ou ainda como buscar tais informações em situações atípicas. Essas medidas promovem uma melhor utilização dos recursos disponíveis e capacitam o paciente a ser um agente ativo em seu cuidado, contribuindo para a melhoria do sistema de saúde como um todo. Diante da escassez de tais medidas, a resiliência das equipes de saúde foi crucial para minimizar os impactos negativos sobre a saúde dos pacientes.



30. MINHA CASA INTERNA

*Elisabete Bauer Schumann*³⁹

*Talita Auler*⁴⁰

*Fernanda Weber*⁴¹

Elisabete Bauer Schumann é enfermeira, **Talita Auler** fonoaudióloga e **Fernanda Weber** é biomédica, e atuam na Clínica Adit, em Nova Petrópolis.

A proposta dos atendimentos voluntários multidisciplinares para os voluntários, com medicina chinesa e medicina integrativa, propõe-se em trazer conforto e acolhimento para aqueles que estão auxiliando a quem mais necessita neste momento. Ocorrem na Clínica Adit, um local de conexão, com abordagem espiritualizada enfatizando a saúde de forma integrada, para que todos possam sentir como é estar em harmonia com sua saúde.

Durante a pandemia da COVID-19, todos sofremos grande impacto. Foi necessário reorganizar muitos detalhes em nossas rotinas, nos distanciando de pessoas queridas, e reforçando todos cuidados nos atendimentos. A situação nos obrigou a ajustarmos alguns valores e a priorizar também nossa saúde, física e mental.

No pico e após a pandemia, os casos de ansiedade e depressão tornaram-se mais frequentes no consultório, como se houvesse uma sensação coletiva de impotência, ou de não saber como caminhar a partir de uma nova forma de viver. Aceitar o que podemos controlar, e promover harmonia entre a mente e as emoções, é trazer saúde!

Nos últimos dias, com as enchentes, a abordagem com medicina tradicional chinesa tem sido muito importante, pois ao tratar o Ser em toda sua integridade, somos capazes de auxiliar no reequilíbrio emocional, que invariavelmente sofreu forte abalo em todos nós.

Aqueles que não foram atingidos pelas enchentes, também sofreram perdas e passaram por situações antes nunca imaginadas. Nos atendimentos

³⁹ Estomaterapeuta. Email: elisabete_bauer@hotmail.com

⁴⁰ Especialização em Espiritualidade e Saúde.

⁴¹ Acupunturista



é preciso realizar uma análise mais sensível e profunda sobre os sintomas, percebendo o que há por detrás. A conexão com as próprias crenças, em prol da saúde coletiva. É uma forma de vivermos nossa fé e cocriar a beleza que carregamos no lado de dentro.

Hipócrates disse: "que seja o médico o primeiro remédio do paciente"

Os profissionais de saúde que cuidam devem exercitar a presença que cura, estar e ouvir inúmeras vezes é o suficiente. Quando falamos sobre profissionais de saúde espiritualizados estamos falando de pessoas que diariamente desenvolvem em si mesmas aquilo que desejam promover para o outro, a verdadeira saúde.

Profissionais que mudaram sua mentalidade de vida se tornaram presenças curadoras pelo simples fato de acolher e instigar no outro a cura. Para isso foi preciso estar saudável, buscar autoconhecimento, pois não é possível sermos facilitadores da saúde do outro sem exercitarmos em nós mesmos. Foi preciso organizar a casa interna, sentimentos, emoções que muitas vezes foram mais fortes que o nosso desejo de estar presente e fazer a diferença na vida do próximo.

Fomos todos afetados, estamos em luto pelas vidas, pelos sonhos, pelas perdas, pelo nosso Rio Grande do Sul.

Buscamos nesse momento delicado, em nós mesmos e naqueles que consideramos nossos, a esperança para continuar. Nosso povo gaúcho historicamente Guerreiro, conta com a força e resiliência para amparar e superar esse desafio. Que a empatia e o amor nos guiem e que logo nossos corações enlutados se transformem em pontes, essas que irão novamente conectar as cidades, as pessoas, que unidos possamos voltar a sonhar e a concretizar.

Uma reflexão

"Minha casa externa não foi atingida pela enchente.

Da interna não posso dizer o mesmo. Fui mexida, sacudida e inundada por más águas

Eu estive em segurança nesse mês.

Ainda assim morri algumas vezes. Morri de medo, morri de raiva, ressuscitei e morri de culpa

Não deixei de ter notícias da minha família e amigos



Mas, recebi tantas notícias! Sobre perdas, mortes e destruição.
Apesar de estar no conforto da minha casa
Senti tantos desconfortos. O pescoço enrijeceu, a cabeça doeu, o estômago ardeu, o coração apertou.

Chorei! Chorei pela minha dor em ver a dor do outro. Sofri! Sofri por ver o sofrimento do outro. Enlutei! Meu luto foi pelos irmãos que não conheci.

Essa dor é de quem foi diretamente atingido pela enchente de águas e de quem foi atingido pela enchente de emoções.

Também sorri e agradei. Renovei minha fé na humanidade, vivenciei a caridade e me contentei com a simplicidade.

Somente doamos o que temos. Então, nos fortalecemos para ser força, nos acolhemos para ser acolhimento e nos cuidamos para cuidar.

A Clínica Adit disponibiliza atendimentos voluntários para os voluntários. Te desejamos a verdadeira saúde: a perfeita harmonia da alma"

Autora: Talita Auler



31. ADVERSIDADES DA DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENCHENTES

Maristela Cassia de Oliveira Peixoto⁴²

Maristela Peixoto é enfermeira, professora universitária.

Minha atuação está voltada para área de saúde pública, com ênfase na atenção primária à saúde, especialmente com mulheres e crianças. Buscando oferecer um atendimento diferenciado e humanizado, com oferta de tecnologia, como por exemplo a laserterapia nos casos de lesões de mamilos ocasionadas por pega inadequada. A utilização dessa tecnologia amplia a oferta de aleitamento materno exclusivo.

Sobre as calamidades

A pandemia inicialmente foi um misto de sentimentos: logo isso tudo vai passar para quanto tempo ainda vamos viver isso. O medo da perda era diário, o trabalho não foi parado, inicialmente tivemos uma pausa nas aulas, porém após alguns retomamos no formato digital, o que foi um grande desafio, ensinar a fazer cuidado em saúde à distância.

Muito difícil, mas não poderíamos deixar os alunos desamparados naquele momento, então fui em busca de diferentes metodologias para substituir um pouco a presença física na sala de aula. Além disso, a família que não entendeu o fato de estar dando aula e ao mesmo estar em casa, era o barulho dos vizinhos, o latido do cachorro, cada aula uma nova “aventura”.

Mas vencemos, os alunos foram estimulados nas práticas (após o período mais tenso da pandemia) a retomar a teoria, e isso fez a diferença na formação de cada um deles. Veio a campanha de vacinação da COVID-19, e novamente foi uma grande aula de resiliência e empatia, e novamente vencemos.

A pandemia mostrou que precisamos sempre trabalhar em equipe.

⁴² Enfermeira. Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social. E-mail: maristelapeixoto@feevale.br



Em relação à enchente, no momento em que se observou a necessidade de um atendimento de emergência aos desabrigados, iniciamos com a organização do grupo de trabalho, divisão de tarefas e organização do fluxo de atendimento, definindo de que forma irão acontecer os atendimentos.

O ginásio da universidade serviu de alojamentos para mais de uma centena de pessoas e foi feito uma escala de profissionais da saúde, para realizar a triagem inicial. Já no centro de especialidades da universidade, foram realizados os atendimentos dos desabrigados, juntamente com os docentes e discentes de diferentes cursos da saúde, e o Centro serviu de suporte para as Unidades de Pronto Atendimento do município.

Foi uma estratégia muito importante, o que possibilitou além do aprendizado para os discentes, a oferta de um atendimento humanizado. Sabe-se que para o atendimento humanizado durante uma situação de emergência é necessário mostrar empatia, compaixão e solidariedade às pessoas afetadas. Os pacientes eram atendidos inicialmente pela equipe de enfermagem, após encaminhados a equipe médica, e se necessário, já recebia in loco medicação. Todos foram transportados com veículo próprio da universidade.

Mensagem final

Continue ajudando o próximo. Deus não disse que seria fácil, mas falou que nunca iria nos abandonar. Vamos seguir juntos.



32. RESIDENTES ATUANDO NA ASSISTÊNCIA A DESABRIGADOS EM PORTO ALEGRE

*Ana Lúcia Lima Rieth⁴³
Edhuarda Jardim dos Santos⁴⁴
Cíntia Menezes Guimarães⁴⁵*

Ana Lúcia Rieth e **Edhuarda Santos** são enfermeiras, **Cíntia Guimarães** é Educadora Física. São membros da equipe interprofissional, residentes em Atenção Básica e Saúde Mental Coletiva.

Estão atuando no atendimento aos desabrigados em abrigos localizados na Zona Sul da cidade de Porto Alegre, durante a calamidade pública das enchentes.

Sobre a catástrofe climática

Diante do desafiador contexto, buscamos implementar estratégias para garantir uma assistência integral e organizada aos abrigados. Além do cuidado direto à saúde física e mental, a abordagem tinha a pretensão de ir além do processo de saúde e doença, integrar os cuidados prestados aos abrigados à Rede de Atenção à Saúde, garantindo assim a continuidade do cuidado em longo prazo. Nesse processo, identificamos que é preciso sempre priorizar a autonomia no processo de cuidado, promovendo a participação ativa dos abrigados em sua condição de saúde, autocuidado e expressão das emoções. Essa abordagem interprofissional foi fundamental para enfrentar os desafios complexos apresentados pela situação de calamidade, garantindo uma assistência abrangente e eficaz.

Sentimento de solidariedade e propósito se misturaram ao medo, sobrecarga e insegurança diante da responsabilidade de oferecer cuidados

⁴³ Residente em Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública do RS. Email: anarieth96@gmail.com

⁴⁴ Residente em Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública do RS.

⁴⁵ Especialista em Saúde da Família. Residência em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do RS.



adequados e seguros em meio ao caos das enchentes. Durante o período em que atuamos nos abrigos, notamos uma variação significativa na disponibilidade de voluntários ao longo do tempo, com uma presença mais marcante durante o dia e escassez à noite e nos finais de semana. Essa inconsistência gerava insegurança sobre a continuidade dos cuidados.

A falta de familiaridade de alguns voluntários com o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a possível falta de comunicação entre o abrigo e a rede de Atenção Primária à Saúde (APS) local agravaram essa situação, tornando os abrigos dependentes da atuação de voluntários e doações.

Essa situação pode ter sido ocasionada também pelo caráter inédito da situação e pela falta de preparo da rede para lidar com a calamidade. Por outro lado, é possível que a rede também não possuísse condições físicas e orçamentárias para dar conta de tal demanda, sendo que essa lacuna só foi suprida pelas doações realizadas.

Além disso, a falta de padronização na organização da assistência também complicava a situação, resultando em mudanças constantes que afetavam a continuidade do cuidado. Apesar dos desafios, a experiência proporcionou aprendizado e reconhecimento da importância do planejamento, gestão e da colaboração interdisciplinar em situações de crise.

A situação das enchentes despertou sentimentos de empatia, solidariedade e motivação para auxiliar as pessoas afetadas. A urgência em ajudar e a sensação de fazer a diferença na vida daqueles que perderam tudo podem ter sido forças motrizes para o engajamento em ações de apoio e assistência às vítimas das enchentes.

Nesse contexto, tornou-se evidente a necessidade de uma atuação integrada com a rede de saúde, garantindo um cuidado continuado e ampliado para as vítimas das enchentes. Ficou claro também que todas as profissões desempenham um papel crucial nesse cenário, profissionais de saúde, da assistência social, da beleza, da educação, do lazer, da higienização, entre outros.



A solidariedade que emergiu durante as enchentes emocionou e inspirou a todos, mostrando a força e a união do povo gaúcho em momentos de adversidade. A colaboração e o apoio mútuo demonstraram o quanto a comunidade pode se unir para superar desafios e reconstruir o que foi perdido.

Finalizando....

Vivenciamos um sentimento de gratidão e aprendizado pela experiência, reconhecendo a importância do planejamento prévio e da colaboração entre diferentes setores para proteger e prestar cuidados à população em momentos de adversidade.



33. ÓTICA DE UM ENFERMEIRO NO APH PÓS PANDEMIA

William Lumertz Belles⁴⁶

William Lumertz Belles atua como enfermeiro no suporte avançado, em empresa privada de ambulâncias, prestadora de serviços para o SAMU. A equipe é composta por um condutor socorrista, enfermeiro e médico.

Visualizamos de tudo um pouco, os quadros mais complexos possíveis, em estado crítico e progressivo, necessitando de transporte avançado para transferência de um ponto A para o ponto B com maior complexidade de estrutura.

Tem muitas histórias, algumas mais tristes, outras felizes, com desfecho positivo. Prefiro aprender com as ruins e guardar na memória as felizes. Nada deixa a equipe mais feliz, que uma reanimação de parada cardiopulmonar com sucesso em bebê com menos de 1 ano de vida.

É algo que na hora não pensamos, só agimos. Quando a adrenalina desce e refletimos o acontecido, vem na lembrança o abraço sincero de agradecimento dos pais, que por uns instantes, pensaram que perderiam o seu amor. Isso faz todo sentido para quem escolhe ou como costumamos dizer, é escolhido pela profissão. O verdadeiro sentido da enfermagem, não desistam de uma vida nunca.

Sobre as calamidades

O período de pandemia foi terrível. Trabalhava no período diurno e cursava graduação no noturno. Me organizei saindo somente eu de casa para trabalhar, devido minha filha ter previsão de nascimento durante a pandemia, algo que gerou sentimento de medo, incertezas, preocupação.

Pós pandemia observamos até os dias atuais, muitas desinformações sobre vacinação, fake news, intolerância quanto as observações e estudos

⁴⁶ Enfermeiro.



referente ao assunto pela OMS. Infelizmente trouxe um período de traumas, sejam eles por perda de um familiar querido, medo de se contaminar com o vírus e passar para algum familiar com maiores probabilidades de agravar, ou mesmo perder sua própria vida. Estamos aprendendo a conviver novamente.

Sobre a enchente, o sentimento é de dever em levar a informação correta, prestar atendimento humanizado, empático, individualizado para cada paciente com suas necessidades psíquicas. Traumas que foram gerados pelo medo, pela incerteza, pela perda de alguém querido. Algo que levará tempo, e sempre será constante. Este é o dever de todo profissional da saúde.

Devemos cuidar do próximo, sem deixar de nos cuidarmos, nos protegermos com EPIs. Em casa, no seu ambiente familiar, refletir sobre os acontecimentos. O psicológico necessita de cuidado, tanto quanto o físico. No momento de calamidade, deixamos o lado humano falar muito mais alto, e isso é o que nos move, em fazer acreditar no bem maior das pessoas.

Mensagem final

Seguimos em frente, com otimismo por dias melhores. Nesses últimos anos, o povo do Rio Grande do Sul se mostrou ser muito unido, guerreiro, humano. Sou muito feliz pela profissão que escolhi e lutei para conquistar. Não desista dos seus sonhos nunca. A mão da enfermagem não toca só um corpo, toca a alma do amor de alguém.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adversidades: 23, 55, 80

Apresentação: 9

C

Calamidades: 10, 12, 13, 14, 18, 20, 23, 33, 37, 41, 53

Catástrofe: 16, 20, 31, 45, 47, 53, 55, 57, 58

Cuidados: 9, 10, 11, 13, 14, 16, 23, 27, 29, 33, 37, 41, 43, 49, 51, 53, 57

E

Enfermeiras: 13, 16, 20, 23, 27, 31, 33, 35, 39, 41, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 60, 62

Enchentes: 13, 20, 23, 33, 37, 41, 45, 47, 53, 70

Emoções: 9, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 23, 27, 31, 33, 37, 41, 43, 49, 51, 53, 57, 60, 62

P

Pandemia: 13, 16, 18, 20, 23, 27, 31, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 55, 57, 58, 60, 62

Pacientes: 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 23, 27, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 60, 62

Profissionais: 9, 10, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 23, 27, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 60, 62

R

Resiliência: 20, 41, 55, 77

S

Saúde: 10, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 23, 27, 31, 33, 35, 37, 39, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 60, 62, 80

PROFISSIONAIS DA SAÚDE EM CALAMIDADES: SENTIMENTOS E ATUAÇÃO

Este ebook poderá servir para troca de experiência entre profissionais da saúde pois mostra como se adaptaram durante as catástrofes. Mas também tem o propósito de auxiliar as vítimas gaúchas da catástrofe climática, com a doação de todo o valor arrecadado. Trata-se de um ebook solidário construído a várias mãos.

Os profissionais da saúde abordam sobre sua área de atuação, como experienciaram a pandemia da COVID-19 e como estão vivenciando a catástrofe climática do RS.

Home Editora
CNPJ: 39.242.488/0002-80
www.homeeditora.com
contato@homeeditora.com
91988165332
Tv. Quintino Bocaiúva, 23011 - Batista
Campos, Belém - PA, 66045-315

